

**UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO
DO ESTADO E DA REGIÃO DO PANTANAL - UNIDERP**

CRISTIANO MIRANDA CUPERTINO

A MÍDIA E O AMBIENTE: ESTUDO DE CASO NO RIO TAQUARI

**CAMPO GRANDE – MS
2005**

CRISTIANO MIRANDA CUPERTINO

A MÍDIA E O AMBIENTE: ESTUDO DE CASO NO RIO TAQUARI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em nível de Mestrado Acadêmico em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional.

Orientação:

Prof. Dr. Eron Brum

Profa. Dra. Albana Xavier Nogueira

Prof. Dr. Ademir Kleber Morbeck de Oliveira

CAMPO GRANDE – MS

2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UNIDERP

C974m Cupertino, Cristiano Miranda.
A mídia e o ambiente: estudos de caso no Rio Taquari / Cristiano
Miranda Cupertino. -- Campo Grande, 2005.
131 f. : il. color.

Dissertação (mestrado)- Universidade para o Desenvolvimento do
Estado e da Região do Pantanal, 2005.
Inclui bibliografia.

1. Jornalismo 2. Jornalismo ambiental 3. Meio ambiente 4. Mídia –
Meio ambiente.5. Rio Taquari – Proteção ambiental 6. Corumbá –
Mato Grosso do Sul I. Título.

CDD 21.ed. 070.4493637

FOLHA DE APROVAÇÃO

Candidato: **Cristiano Miranda Cupertino**

Dissertação defendida e aprovada em 5 de julho de 2005 pela Banca Examinadora:

Prof. Doutor **Eron Brum (orientador)**

Prof. Doutor **Álvaro Banducci Júnior (UFMS)**

Prof. Doutor **Francisco de Assis Rolim Pereira (UNIDERP)**

Prof. Doutor **Silvio Favero**
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional

Profa. Doutora **Lúcia Salsa Corrêa**
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UNIDERP

Cristiano Miranda Cupertino

*Conheço enfim o Amor!
Raio de luz que invade o meu ser e
Irradia cores, vibrações nunca antes verdadeiramente sentidas.
Sonhei muitas vezes com Ele e
Tantas outras sofri, chorei, me enganei,
Imaginando não mais me render a nenhum sentimento irreal.
Até que mais uma vez me encontrei vulnerável... Um tranquilo feriado de
Novembro... Sem muita certeza, me envolvi com você, que revolucionou a minha vida,
Ou melhor, que presenteou com algo diferente, encheu de graça e coloriu minha estória.*

*Muitas vezes até eu me surpreendo, me altero e te magôo... e me machuco... Desculpa essa
Inconstância, essa “boba” aqui por diversos momentos te chatear, mas volto atrás e
Realizo-me, então, no seu imenso amor, reconhecendo sua pureza, sua nobreza...
Ainda encontro também, é claro, sua impaciência, seus defeitos, nossas discordâncias e
Nosso perdão, que é do que permanece um verdadeiro Amor! Não consigo me ver sem você.
Dia-a-dia quero ser sua luz, sua força num tropeço, seu porto seguro e sentir
Aquela antiga emoção que de nós tomou conta pouco a pouco, nos unindo eternamente.*

*Cristiano, olha dentro dos meus olhos que você pode se ver...
Único, em todos os momentos e na maioria deles me fazendo muito feliz!!
Partilharemos cada luta, cada derrota, cada dificuldade e cada Vitória, na
Esperança ou na certeza de conquistarmos o sucesso, nossos sonhos... o Mundo,
Regando, diariamente, as sementes do amor que plantamos com
Tanta dedicação e retirando as inférteis. Que jamais o sol se deite sobre nossa raiva.
Infinidamente sua...! Esposa, amiga, mãe, filha, amante. Meu homem... meu tudo!
Nada seremos no futuro se não houver esses papéis agregados, o respeito, a fidelidade,
O pensamento voltado para nosso crescimento conjugal e espiritual... Sempre.*

Obrigada por me fazer conhecer, enfim, o Amor!!!

Te Amo!!!!!! Marcinha.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação só foi possível graças a uma série de pessoas importantes que me ajudaram no caminho do que eu considero uma árdua conquista. No momento em que escrevo estas páginas me lembro com bastante alegria e satisfação de todos familiares, amigos e colegas que de alguma forma me incentivaram e apoiaram na conquista deste sonho e mais um degrau para o aprimoramento profissional. Então, vamos lá:

Agradeço a Deus por me dar força e saúde todos os dias e a chance de conquistar meus sonhos;

À Marcia, minha esposa, companheira e, acima de tudo, parceira e amiga. Com certeza, você é a maior responsável por essa conquista. Perdão pelos momentos de nervosismo e impaciência;

À minha mãe que me apoiou moralmente e financeiramente na conclusão deste trabalho;

Ao meu pai pela inspiração e por me despertar para o mundo acadêmico e da pesquisa;

Aos meus irmãos, Marcelo e Caroline, e sogros, Emanuel, Stael e cunhados, base de minha família;

Ao professor Doutor, Eron Brum, pela orientação, paciência, dedicação e ensinamentos que, com certeza, perdurarão para o resto de minha vida;

À professora Doutora, Mercedes Abid Mercante, por me apresentar ao universo do Rio Taquari;

À professora Mestre, Gládis Linhares, pela orientação informal que começou na graduação e persiste até hoje;

Ao professor Mestre, Jacir Zanatta, pelo apoio nos momentos em que precisei me dedicar a conclusão deste trabalho e por me apresentar à docência. Realmente, “a mesma água do rio só passa embaixo da ponte uma vez”;

Aos colegas da inesquecível turma de mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional do ano de 2003;

Ao futuro jornalista e ex-aluno, Thiago Fraga, que me ajudou com o levantamento documental desta pesquisa;

Aos colegas jornalistas que me ajudaram com informações importantes e que participaram da pesquisa deste trabalho;

Enfim, a todos que torceram e torcem pelo meu sucesso.

DO JORNALISMO

“Jornalismo, independente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos, leitores, telespectadores ou ouvintes”.

(Rossi, 1996)

DO MEIO AMBIENTE

“Meio ambiente é uma daquelas expressões que, embora bastante conhecidas, não costumam ser definidas com clareza. Neste caso a clareza não é mero preciosismo. (...) é urgente que todos possamos perceber a ordem de grandeza em que se situa hoje a questão ambiental e, talvez surpreendidos, nos daremos conta de como isso nos alcança de forma profunda e visceral”.

(Trigueiro, 2003)

SUMARIO

RESUMO	x
ABSTRACT	xi
LISTA DE FIGURAS	xii
LISTA DE QUADROS	xiii
1 INTRODUÇÃO	1
2 REVISÃO DE LITERATURA	8
2.1 A DIFUSÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA.....	8
2.2 O JORNALISMO COMO DIFUSOR DA TEMÁTICA AMBIENTAL.....	13
2.3 A MÍDIA E O AMBIENTE.....	16
2.4 A LONGEVIDADE DA IMPRENSA ESCRITA.....	19
2.5 A MÍDIA E O AMBIENTE: O TAQUARI NOS JORNAIS IMPRESSOS.....	23
2.6 A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DO RIO TAQUARI.....	24
2.6.1 Início e as Características da Degradação.....	24
2.7 ASPECTO SOCIOECONÔMICO DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DO RIO TAQUARI.....	29
3 MATERIAL E METÓDOS	37
3.1 ESTUDO DE CASO.....	38
3.1.1 Classificação dos Estudos de Caso.....	40

3.1.2 Opção Metodológica	44
3.1.3 Fontes de Evidências	47
3.1.4 Análise de Dados	48
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	50
4.1 O Rio Taquari no <i>Correio do Estado</i>	50
4.2 O Rio Taquari no <i>Diário do Pantanal</i>	57
5 CONCLUSÕES	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXOS	71
ANEXO A. CÓPIAS DE REPORTAGENS PUBLICADAS SOBRE O RIO TAQUARI DURANTE O ANO DE 2004 NO JORNAL <i>CORREIO DO ESTADO</i> , NA CIDADE DE CAMPO GRANDE – MS	72
ANEXO B. TRANSCRIÇÃO DAS REPORTAGENS PUBLICADAS SOBRE O RIO TAQUARI DURANTE O ANO DE 2004 NO JORNAL <i>DIÁRIO DO PANTANAL</i> , NA CIDADE DE CAMPO GRANDE – MS.....	104
ANEXO C. CÓPIA DA REPORTAGEM “ <i>DRAMA DO RIO TAQUARI PREJUDICOU POPULAÇÕES</i> ”, PUBLICADA NO JORNAL <i>CORREIO DO ESTADO</i> EM 28 DE MARÇO DE 2005.....	113
ANEXO D. CÓPIA DA REPORTAGEM “ <i>DOCUMENTÁRIO DA UNIDERP ENTRE ESCOLHIDOS EM FESTIVAL DA AMÉRICA DO SUL</i> ”, PUBLICADA NO JORNAL <i>A CRÍTICA</i> EM 24 DE ABRIL DE 2005	114

ANEXO E. MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS	
JORNALISTAS QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA	115
ANEXO F. TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO	
APLICADO AOS CHEFES DE REDAÇÃO DOS JORNAIS	
PESQUISADOS	116
ANEXO G. CÓPIA EM DVD DO DOCUMENTÁRIO	
“ARROMBADOS DO RIO TAQUARI”.	
(Cupertino, 2004).....	119

RESUMO

A rápida e desordenada expansão da atividade agropecuária na Bacia do Alto Taquari é uma das principais causas do assoreamento do rio na planície pantaneira. Os processos erosivos na região começaram a se agravar na década de 1970, trinta anos depois, isoladas às margens dos “arrombados”, as populações tradicionais que vivem nas colônias, no Baixo Taquari, são o retrato humano de um impacto sócio-econômico, cujas conseqüências são tão graves quanto às questões ambientais. Buscando compreender a relação mídia e meio ambiente através de estudo de caso no Rio Taquari, foi feito o acompanhamento dos jornais impressos *Correio do Estado* e *Diário do Pantanal*. Foram pesquisadas as edições diárias dos jornais escolhidos durante o período de 1 ano, sendo eleito 2004 como o ano para a pesquisa. A análise foi feita com a proposta de tornar este tipo de cobertura mais precisa e abrangente, levando em consideração o espaço territorial e proteção ambiental. Também foi analisada a tipologia dos temas abordados pelos dois jornais impressos; determinado o espaço destinado ao problema ambiental e socioeconômico do rio Taquari e classificada as fontes de informações utilizadas pelos jornais impressos na cobertura do Rio Taquari. Observa-se que a produção deste tipo de notícia não é prioridade para a imprensa sul-mato-grossense, visto que, os empresários, que atuam na área, avaliam que não há demanda comercial suficiente para sustentar um caderno específico sobre meio ambiente. A cobertura dos jornais pesquisados é bastante fragmentada e unilateral, sendo que o jornal impresso é uma das principais fontes de notícias para grande parcela da população e a forma como ele atua, repercute no processo de formação da opinião dessa mesma população sobre as questões ambientais.

PALAVRAS CHAVE: Rio Taquari, problema ambiental e socioeconômico, jornais impressos, cobertura, arrombado.

ABSTRACT

The rapid and disordered expansion of cattle breeding and agriculture in the higher basin of Taquari is one of the main causes of the assoreament of the river in the pantanal plains. The erosive process in the region were aggravated in the early 1970's, thirty years later, isolated in the rivers burst margins, the traditional population that occupied colony's in the lower Taquari are a portrait of a social and economical impact, which consequences are serious as the physical environmental problems that affects the river. To comprehend the relation between mass communications and environment, through a study case of the Taquari River, it was established the accompaniment of two newspapers, *Correio do Estado e Diário do Pantanal*. During a whole year (2004 was the year chosen for the research), all daily editions of these two newspapers were analyzed. The analysis was done with the proposition to turn this type of coverage more precise, taking in consideration the territorial space and environmental protection. Also were analyzed the typology of the themes approached by the two newspapers; determined the space granted to the environmental social and economical problem of Taquari River. It was observed that this type of news is not a priority to the southern mato-grossense press, acknowledged that the businessman who owns this newspapers evaluate that there is not a commercial demand to sustain a specific segment of environmental issues. The coverage done by newspapers researched is fragmented and unilateral, being that the newspapers are the principal sources of information to most part of the society, the way it acts has an influence in the process of public opinion formation about environmental issues.

KEY WORDS: Taquari River, environmental social and economical problem, newspapers coverage, arrombado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Área assoreada do Rio Taquari na região de Corumbá – MS.....	1
Figura 2. Área inundada pelo Rio Taquari na região de Corumbá – MS.....	2
Figura 3. Área permanentemente inundada pelo Rio Taquari na região de Corumbá – MS	25
Figura 4. Área permanentemente inundada pelo Rio Taquari na região de Corumbá – MS	26
Figura 5. Alterações no processo de sucessão vegetal no pantanal do paiaguás na região de Corumbá – MS	28
Figura 6. Arrombado “Zé da Costa”, no pantanal do paiaguás na região de Corumbá – MS	29
Figura 7. Ribeirinhos da colônia bracinho, no pantanal do paiaguás na região de Corumbá – MS	30
Figura 8. Pesquisadores entrevistam ribeirinha durante produção do documentário “Arrombados do Rio Taquari”, na região de Corumbá – MS	32
Figura 9. Pesquisadores entrevistam ribeirinho durante produção do documentário “Arrombados do Rio Taquari”, na região de Corumbá – MS	33
Figura 10. Canais fluviais rasos dificultam o acesso até as colônias no pantanal do paiaguás na região de Corumbá – MS.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Situações relevantes para diferentes estratégias	45
Quadro 2. Editorias do jornal <i>Correio do Estado</i> e quantidade de reportagens durante o período da pesquisa na cidade de Campo Grande – MS.....	52
Quadro 3. Quantidade de reportagens publicadas no jornal <i>Correio do Estado</i> no primeiro semestre de 2004, na cidade de Campo Grande – MS.....	53
Quadro 4. Quantidade de reportagens publicadas no jornal <i>Correio do Estado</i> no segundo semestre de 2004, na cidade de Campo Grande – MS.....	53
Quadro 5. Editorias do jornal <i>Diário do Pantanal</i> e quantidade de reportagens durante o período da pesquisa na cidade de Campo Grande – MS.....	58
Quadro 6. Quantidade de reportagens publicadas no jornal <i>Diário do Pantanal</i> no primeiro semestre de 2004, na cidade de Campo Grande – MS.....	59
Quadro 7. Quantidade de reportagens publicadas no jornal <i>Diário do Pantanal</i> no segundo semestre de 2004, na cidade de Campo Grande – MS.....	59

1 INTRODUÇÃO

Localizada na região Centro-Oeste do Brasil, a Bacia do Alto Taquari (BAT) tem extensão de 28.000 km² e faz parte da Bacia do Alto Paraguai. A partir de meados da década de 1970, produtores, incentivados pelo Governo Federal para abertura de novas fronteiras agrícolas, fizeram com que a expansão acelerada da atividade agropecuária aumentasse o processo erosivo natural no planalto e, por conseguinte, o assoreamento do Rio Taquari no Pantanal (Fig. 1).



Figura 1. Área assoreada do Rio Taquari na região de Corumbá – MS

Oliveira *et al.* (1998) destacam que, em 1977, as lavouras e as pastagens cultivadas ocupavam apenas 3,4% da Bacia do Alto Taquari. As áreas, após o desmatamento, eram cultivadas com arroz por dois ou três anos e, posteriormente, formadas pastagens nessas áreas. Em 2000, as áreas ocupadas pela agropecuária correspondiam a 61,9% da superfície da BAT, em apenas 26 anos, as áreas

utilizadas pela agropecuária aumentaram 1.820%, de acordo com levantamentos feitos pelos autores.

A inundação de 11 mil de km² (Fig. 2) de terras na planície do baixo curso do Taquari é apontada por estudiosos como grave e preocupante problema ambiental e socioeconômico do Pantanal. A maneira como a grande mídia (veículos de massa como a TV, Rádio e Jornais) faz a cobertura e acompanha a evolução de problemas ambientais como este, é contestada por pesquisadores e pelos próprios profissionais da área.



Figura 2. Área inundada pelo Rio Taquari na região de Corumbá – MS

Santos (1998) afirma que a relação entre opinião pública e ambiente é interesseira e, às vezes, exagerada, devido à atuação da mídia. Ele afirma que: “a mediação interessada, tantas vezes interesseira da mídia conduz, não raro, à doutorização da linguagem, necessária para ampliar o seu crédito, e à falsidade do discurso, destinado a ensombrear o entendimento”. Para o autor “o discurso do meio ambiente é carregado dessas tintas, exagerando certos aspectos em detrimento de outros, mas, sobretudo, mutilando o conjunto”.

Para Villar (2000), a principal deficiência da imprensa ainda é publicar fatos fora de contexto, fragmentados, sem correlação do fato com a vida do cidadão comum. O autor afirma que até os jornalistas especializados correm este risco, e, muitas vezes fazem matérias compreensíveis apenas para o que ele chama de “gueto ambiental”, os técnicos da área.

Fazendo uma comparação entre a utilização da técnica jornalística para investigar movimentos como o dos “Sem Terra”, corrupções em prefeituras e no Congresso Nacional, ele aponta a falta de longas investigações jornalísticas sobre as relações “promíscuas” entre indústrias, consultorias e órgãos ambientais, o que o autor chama de “a indústria do EIA/RIMA¹”. Embora não isente o jornalista, aponta que a culpa não é exclusiva do profissional, destacando que uma investigação deste porte exigiria posição editorial do veículo, o que poderia implicar em muitos casos, na denúncia de um anunciante do jornal.

Belmonte (2000) ainda observa que o jornalista especializado em questões ambientais tem o dever de ir além do fato, explicando ao público as suas conexões, os seus nexos, o seu contexto, a sua relação com a vida de cada leitor, ouvinte e telespectador. Para ele o desafio é “tentar explicar que os problemas ambientais estão ligados a um modelo de desenvolvimento excludente, do ponto de vista social, e predador, do ponto de vista natural”.

Este desafio do profissional da comunicação é intensificado à medida que os próprios geradores de conhecimento têm dificuldades em se comunicar. Ab´Sáber *et al.* (1988) ao criticarem o código de linguagem dos cientistas brasileiros pontuam que “nem todos estão afeitos a uma linguagem que esteja ao alcance de todos os segmentos de uma sociedade certamente desigual do ponto de vista cultural”. Os

¹ Estudo de Impacto Ambiental - EIA e do Relatório de Impacto Ambiental – regulamentados pelo artigo 1º da Lei nº 1.356, de 03 de outubro de 1988, que define a apresentação do requerimento de Licença Prévia para instalação ou ampliação de novos empreendimentos.

autores apontam como caminho o uso de idéias transparentes em uma linguagem clara, ao alcance de todos.

A crítica é reforçada por Lani (2003), ao observar que durante a II Semana de Jornalismo da Faculdade Estácio de Sá (2003), os profissionais que atuam em defesa do ambiente avaliaram a abordagem ambiental da mídia de forma insatisfatória. Os comunicadores de órgãos governamentais e não governamentais, ligados ao ambiente, classificaram a cobertura da mídia como ineficiente e tendenciosa. O autor cita como exemplo a assessora de imprensa da Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Gislaine Balbinot², que avaliou a cobertura da mídia em geral, como pouco profunda. A crítica foi reforçada pela avaliação da jornalista da Ong Ecoa (Ecologia e Ação), Yara Medeiros³, ao afirmar que os jornalistas devem buscar mais conhecimentos sobre o ambiente.

Tanto para Santos (1998), como para diversos pesquisadores que atuam em defesa do ambiente, o viés trágico, utilizado pela mídia, para abordar o ambiente, contribui para que a opinião pública tenha uma visão distorcida sobre o assunto. De quem seria então a responsabilidade pela desinformação da opinião pública sobre temas importantes como o assoreamento do Rio Taquari: dos jornalistas, chamados de formadores da opinião pública? Embora seja grave o problema, pesquisadores como os da Embrapa Pantanal, em Corumbá – MS desenvolvem através de pesquisas, alternativas para diminuir os danos ambientais e socioeconômicos causados pela degradação ambiental do Rio Taquari. Porém, ações positivas como estas raramente ganham destaque na mídia.

² Para a assessora, "a mídia não deve abordar somente tragédias, mas também exemplos positivos do dia-a-dia, como o uso correto da água, ou sobre o tratamento ideal para o lixo doméstico".

³ Para a jornalista "os temas ambientais são expostos na mídia, salvo raras exceções, de maneira descontextualizada e superficial".

A partir destas observações, surge a necessidade de se fazer uma pesquisa da cobertura da mídia estadual em relação às questões ambientais, tendo como estudo de caso o Rio Taquari. Devido aos diversos tipos de mídia, opta-se pela imprensa estadual, centrando-se em dois jornais impressos: *Correio do Estado* e o *Diário do Pantanal*. O primeiro, tem a maior circulação do estado, cuja tiragem diária é de 25 mil exemplares.

Já o segundo jornal, possui tiragem mais modesta, 5 mil exemplares, porém, tem em seu nome e linha editorial a preocupação com o desenvolvimento do Estado. Acompanhar a maneira como os profissionais da mídia impressa local abordam o problema é extremamente importante para a pesquisa.

Pesquisar como a publicação aborda o problema ambiental e socioeconômico do Rio Taquari tem grande utilidade para se compreender melhor o tema do estudo com a proposta de tornar este tipo de cobertura mais precisa e abrangente e perceber como as informações referentes ao Rio Taquari chegam até a população do Estado, sem esquecer-se de levar em consideração o espaço territorial e a proteção ambiental.

Para tanto, foi definido o acompanhamento das edições diárias dos jornais escolhidos, durante o período de 1 ano, sendo eleito 2004 como o ano para a pesquisa. Este período foi escolhido, como objeto do presente estudo, para a verificação de como o Rio Taquari é tratado pela mídia impressa. O que foi exposto sobre o tema nestas publicações? E qual o espaço destinado, dentro dos impressos, a assuntos ligados à temática do Taquari? De que maneira esses espaços são aproveitados? Essas e outras questões permeiam o enfoque da pesquisa escrita, que, devido à abrangência do tema, não se esgota somente nos aspectos verificados. A pesquisa tem a intenção de provocar novos questionamentos e reflexões sobre o papel dos meios de comunicação em geral, e os meios impressos, em particular, em relação à divulgação de material ambiental em suas publicações.

Embora, a maior parte dos profissionais da comunicação avalie que a cobertura da imprensa (jornais impressos) é parcial, tendenciosa, negativa e até mesmo prejudicial à opinião pública, é necessária uma pesquisa que aponte se realmente estes veículos contribuem para divulgar apenas o viés trágico dos problemas ambientais do Rio Taquari, sem divulgar ações positivas. A partir de um estudo deste tipo será possível verificar se realmente a imprensa aborda a questão sob um aspecto negativo, apenas. Caso seja confirmada esta hipótese, será possível, também, propor aos veículos de comunicação pesquisados novas formas de se abordar o assunto, seja em suplementos específicos ou sugestões de temas para os profissionais.

Utilizando um panorama ainda mais amplo, dá para se ter uma dimensão de como as vertentes ligadas à questão ambiental são pouco exploradas pela mídia impressa estadual, pelo exemplo dos autores Sabino e Andrade (2003), que em artigo publicado na imprensa nacional, discorrem sobre o desequilíbrio ambiental causado ao ambiente aquático pelo excesso de lotação em um dos passeios mais tradicionais e conhecidos da cidade de Bonito - MS, a Baía Bonita. O assunto que mereceu meia página de destaque no suplemento *Ciência*, do Jornal *O Estado de São Paulo* (uma das maiores tiragens de publicações impressas nacionais), nem sequer serviu de inspiração para os jornais do Estado.

Durante mais de duas semanas, entre os dias 11 e 26 de outubro de 2003, acompanhou-se os jornais "Correio do Estado", "Folha do Povo", "Progresso" e "Primeira Hora" para saber se o assunto seria abordado, porém, não houve nenhuma menção. Diante de fatos como esse, torna-se relevante a realização desta pesquisa cujo objetivo geral é analisar o enfoque da cobertura dos jornais *Correio do Estado* e *Diário do Pantanal* em relação ao problema ambiental e socioeconômico do Rio Taquari, com a proposta de tornar este tipo de cobertura mais precisa e abrangente, levando em consideração o espaço territorial e a proteção ambiental.

Ainda dentro do objetivo geral do trabalho, o mesmo resultou em um vídeo-documentário que tem como enfoque principal o problema ambiental e socioeconômico do Rio Taquari. Intitulado "Arrombados do Rio Taquari", o documentários teve grande repercussão mídia sul-mato-grossense, sendo selecionado para a mostra internacional de vídeos da segunda edição do Festival América do Sul, em maio de 2005.

Este trabalho tem ainda como objetivos específicos a identificação da tipologia dos temas abordados pelos dois jornais impressos diários sobre o problema ambiental e socioeconômico do Rio Taquari; determinar o espaço destinado ao problema ambiental e socioeconômico do Rio Taquari, através do levantamento documental quantificável; classificação das fontes de informações utilizadas pelos dois jornais impressos diários na cobertura do Rio Taquari.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A DIFUSÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Ao escrever o prefácio da obra *Meio Ambiente no Século 21*, Silva (2003) observa que devemos comunicar nossas idéias em linguagem simples, direta e objetiva, pois desta forma consegue-se atingir um número maior de pessoas.

Amaral (1996) ao falar da objetividade que o jornalismo define como uma das principais virtudes da matéria jornalística, questiona se é possível o ser humano descrever as coisas como elas realmente são. Para o autor é questionável a capacidade do ser humano em traduzir e descrever a realidade de como ela é, pois se carrega durante toda a vida características como o preconceito, idiosincrasias, preferências, maneiras complexas e diferentes de reagir aos estímulos e as provocações externas.

O questionamento ganha força numa análise da época atual, e em tempos de informação rápida, superficial e, até excessiva, o jornalismo através de seus principais meios de comunicação de massa (TV, rádio, imprensa escrita e internet), faz a organização das idéias a partir do volume e diversidade de informação, levando o receptor a escolher e eleger prioridades dentre estes conteúdos.

Os meios de comunicação são caracterizados por Melo (1971) como instrumentos mecânicos e eletrônicos necessários para difundir mensagens de acesso potencial a todos de uma sociedade. O autor afirma que embora atinjam a massa, os meios de comunicação são definidos e controlados pela elite.

Já Ramos (1995) ao apreciar a análise de Melo, ressalta que o receptor é um elemento “eminentemente passivo e encontra-se totalmente à mercê dos meios de comunicação de massa”, sendo estes controlados pela elite dominante. Em sua pesquisa Barbour (2003) concorda com o autor ao afirmar que os meios de comunicação de massa sempre “estiveram nas mãos das elites-detentoras de poder político e econômico, em diferentes tipos de sociedade e regimes de governo”, fazendo surgir a idéia de que eles sempre atuaram como instrumentos para manipular a opinião pública e orientá-la em qualquer direção.

No Brasil, não raro, as concessões públicas de rádio e televisão encontram-se nas mãos de políticos e empresários. Linhares (2001) constatou que a tradição na forma de conceder canais de televisão no país aponta para favorecimentos políticos e vantagens econômicas. A relação teria sido observada claramente em 1950, quando em seu discurso de inauguração, Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados, agradeceu o Governo Federal e às empresas patrocinadoras o fato de estar instalando sua TV.

Este controle da concessão de rádios e televisão por parte das elites pode ser traduzido em desconfiança pelo receptor. Pesquisa desenvolvida por Ostman e Parker (1986), no Estado de Nova York, nos Estados Unidos da América, sobre quais meios de comunicação de massa são os mais procurados pelo público que busca informações sobre a temática ambiental, identificou que:

- os jornais e televisões são os meios mais lembrados como fonte, porém não são considerados os mais confiáveis;
- pessoas que possuem nível de escolaridade mais alta tendem a não aceitar a TV como fonte confiável de informação científica sobre ambiente, preferindo a mídia impressa com fonte;
- a falta de imparcialidade, inclinação política, sensacionalismo e seleção de assuntos que visam o aumento de audiência são apontados na pesquisa como pontos negativos dos meios de comunicação de massa.

Para Ramos (1995), antes de responder a pergunta sobre como os meios de comunicação se relacionam com a temática ambiental é preciso conhecer melhor a mensagem ambiental e como ela vem sendo difundida por estes meios de comunicação. O autor considera que a informação ambiental é um elemento fundamental no conjunto das ações interdisciplinares que procuram alcançar uma compreensão sistêmica das relações sociedade/ ambiente.

O agravamento da crise ambiental obrigou a maior parte da população mundial a buscar a compreensão desta problemática. Besserman (2003) aponta que avanços no conhecimento científico e na percepção da opinião pública sobre o ambiente do planeta começam a gerar uma demanda maior por informações relacionadas aos assuntos. Para o autor, os tipos de informações variam de acordo com a localidade da degradação. Notícias sobre a perda de qualidade de vida de uma determinada região atingem apenas um número restrito de receptores, não tendo destaque na grande mídia. Ao ganharem o que o autor chama de 'expressão regional', as agressões passam a afetar mais significativamente "o funcionamento da economia e a qualidade de vida de contingentes populacionais maiores", gerando maior curiosidade por parte da população.

Quando analisado o âmbito ambiental, é possível afirmar que o domínio da informação está ligado ao poder de interferir e orientar as relações humanas e a sociedade com a natureza. A imprensa faz com que a sociedade seja alertada sobre os problemas ambientais e coloca em pauta modelos de desenvolvimento excludentes. Sendo os jornais e a televisão a principal fonte de informação da sociedade, o papel desses veículos de comunicação de massa é decisivo na formação da opinião sobre a problemática ambiental.

Na atualidade, em todo o mundo, é possível observar que empresas de grande e pequeno porte estão sendo obrigadas a se atualizarem sobre a questão ambiental para competir nos mercados internos e externos. A necessidade de alcançar a qualidade ambiental para obter selos verdes, como ISO 14.000, que evitam barreiras comerciais a produtos no exterior é um exemplo desta preocupação. Organizações não governamentais como a Conservation International

e WWF (World WildLife Fund) sabem que o ponto fraco de empresas poluidoras é a sua imagem. Prova disso são as ações desenvolvidas por estas ONGs, no sentido de destacar, na mídia mundial, condutas consideradas antiecológicas. Destacando esta deficiência para opinião pública de seus países, as ONGs fazem com que as empresas poluidoras sejam obrigadas a mudar de comportamento. A participação dos meios de comunicação no processo de discussão dos problemas ambientais é uma forma de se fornecer subsídios para a sociedade cobrar e efetivamente instalar um novo padrão de desenvolvimento em consonância com equilíbrio ambiental e qualidade de vida.

Fernandes e Sousa (2002) opinam que o interesse da mídia brasileira pelas questões ambientais é bastante recente, sendo que a existência de veículos especializados no assunto (impressos como eletrônicos) hoje não caracteriza a consolidação de uma tradição em divulgar notícias relacionadas ao tema.

A Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, é considerada como um divisor de águas na cobertura da grande mídia sobre a temática ambiental. Representantes signatários recomendaram que “sempre que existam impedimentos econômicos ou de outro tipo que dificultem a oferta de informação e o acesso a ela, particularmente nos países em desenvolvimento, deve-se considerar a criação de esquemas inovadores para subsidiar o acesso a essa informação ou para eliminar os impedimentos econômicos”. Os signatários reforçam essa medida ao reconhecer que “em muitos países, a informação não é gerenciada adequadamente devido à falta de recursos financeiros, pessoal treinado, ao desconhecimento de seu valor e a outros problemas imediatos ou prementes, especialmente nos países em desenvolvimento”.

A presença de chefes de Estado de todo o mundo e a participação de milhares de jornalistas credenciados para o evento acabou expondo uma cobertura midiática contraditória. Nos dias que antecederam a Conferência e durante a sua realização foi produzida pelos veículos de comunicação presentes uma quantidade de notícias até então inédita para a temática, porém, como observa Ramos (1995), a temática foi deixada de lado poucos dias após o encerramento do evento, dando a

entender que todos os problemas ambientais, fortemente destacados no encontro, haviam desaparecido. Para o pesquisador, o posicionamento da imprensa teria dado aos grupos mais conservadores da sociedade brasileira a impressão de que a ecologia não passaria de um modismo, algo efêmero e volátil como a maioria das notícias produzidas nos principais veículos de comunicação do mundo.

Para Fernandes e Sousa (2002), a crise dos modelos de desenvolvimento, impulsionada pela dilapidação dos recursos naturais, faz com que a mídia e ambiente se encontrem num momento crítico da história. Momento este que permeia o processo de industrialização e a ocupação desordenada do espaço urbano. Os autores destacam que as conseqüências sociais são imediatas, porém, as ambientais demoram a aparecer. Elas teriam entrado em pauta nos anos 60, quando, de maneira tímida, a Europa e depois a América, começaram a ser provocadas pelo tema.

Ziggiatti (2000) analisa que, embora os meios de comunicação de massa não tenham tido, nas últimas décadas, a preocupação em traduzir a associação do homem com o ambiente, a comunicação é necessária para a conscientização de toda a sociedade, no que diz respeito à busca de modelos para o desenvolvimento sustentável. Para ela, a mídia, através de seus veículos, deve democratizar a informação científica e tecnológica que permeia as questões ambientais, um olhar crítico e isento capaz de formar um retrato não fragmentado da realidade.

No relatório *Bruntland, Nosso Futuro Comum* (1987), preparado pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento e difundido pela Organização das Nações Unidas, fica definido o conceito de desenvolvimento sustentável como a busca simultânea da eficiência econômica, justiça social e harmonia ecológica. Dencker e Kunsch (1996) destacam que o documento conclui que o ambiente deve estar integrado ao desenvolvimento para se chegar ao desenvolvimento auto-sustentável que preencha as necessidades do presente sem comprometer a habilidade das gerações futuras de preencherem suas próprias

necessidades. Dentro destas análises Fernandes e Sousa (2002), adicionam que “a exploração dos recursos naturais, os investimentos econômicos e o desenvolvimento tecnológico não devem comprometer a construção de um futuro justo (...)”.

A partir da definição do relatório, bem como a observações dos autores citados a cima, é possível propor a necessidade de se colocar em prática o que Beltrão e Quirino (1986) acreditam ser o papel principal dos veículos de comunicação de massa: informar, educar, entreter, persuadir, promover a integração individual e coletiva, na realização do bem estar social.

2.2 O JORNALISMO COMO DIFUSOR DA TEMÁTICA AMBIENTAL

A prática do jornalismo ambiental remonta ao início da década de 1960, nos Estados Unidos da América. Foi nesta época que vieram à tona matérias que denunciavam a contaminação de lençóis freáticos, do solo, ar e desmatamento de florestas tropicais. Nesta época, Berna (2005) destaca que “cresciam no mundo inteiro as lutas sociais pela ampliação dos direitos da cidadania, incluindo aí a novidade da cidadania ambiental”. O pesquisador destaca neste ambiente, em 1962, a bióloga Rachel Carson, que denunciou num livro os impactos do uso de pesticidas. Na obra, a bióloga critica campanhas dos fabricantes de agrotóxicos para desinformar a opinião pública sob o argumento de que o uso dos defensivos agrícolas ajudaria a acabar com a fome do planeta.

Neste mesmo período, Berna (2005) aponta que o início do jornalismo ambiental foi acompanhado pela imprensa brasileira. O primeiro profissional no país a se especializar em ambiente foi Randau Marques, considerado subversivo, porque escrevia num jornal da cidade paulista de Franca, reportagens sobre a contaminação de gráficis e sapateiros com chumbo. Na época, o jornalista questionava a termos

como: "defensivos", através de reportagens que mostravam como os agrotóxicos eram responsáveis pela contaminação e morte de peixes e pela intoxicação de pequenos agricultores do interior do país. O jornalista fez reportagens para o grupo Estado (que publica o jornal Estado de São Paulo) entre dezembro de 1973 e março de 1974. Ele acompanhou para o jornal uma das grandes polêmicas ambientais da época: o fechamento da fábrica celulose Borregaard, que poluía o rio Guaíba, no Rio Grande do Sul.

Em artigo, Villar (2000) conclui que a imagem mais forte do acontecimento não foi a chaminé lançando fumaça, mas uma foto publicada em vários jornais, do estudante Carlos Averel, tentando impedir que uma árvore fosse cortada pela prefeitura para a construção de um viaduto.

Escrever sobre ambiente além de representar uma preocupação com valores pertinentes à sociedade também era uma chance dos profissionais driblarem a censura em vigor na década de 1960. A preocupação até então era controlar o conteúdo do noticiário político. Em depoimento a Babour (2003), o jornalista Randau Marques define o ambiente como a "somatória de todas as ciências", ciências estas que devem ser de conhecimento do profissional da comunicação, caso contrário, este será o "mero repetidor de coisas que não entende".

Após o agravamento da crise ambiental e de sucessivas conferências para discutir problemas como os recursos hídricos, mudanças climáticas, destino do lixo e extinção de espécies causadas pela ação do homem, foi preciso ultrapassar a denúncia de desastres e aumentar a discussão sobre o que seria e qual seria o modelo de desenvolvimento sustentável.

Trazer esta discussão à tona passou a ser um desafio para os profissionais da área da comunicação, sendo o jornalista seu principal representante. Em editorial publicado no *Jornal do Meio Ambiente*, Berna (2005) afirma que ao limitar a falar e apenas mostrar imagens de desastres como o derramamento de óleo nos oceanos do planeta e não questionar o uso de combustíveis fósseis como principal forma de

geração de energia no planeta, os meios de comunicação prestam o que ele chama de “desserviço à sociedade”. Para o autor, emissoras de TV, rádios, jornais e revistas fazem o mesmo ao divulgarem informações e imagens das tsunamis que mataram milhares no sul da Ásia e não debatem aspectos mais aprofundados do problema como o turismo autodenominado “sustentável”, implantado nos complexos hoteleiros sem ferramentas de prevenção:

“fenômenos naturais quase sempre manifestam-se em ciclos, cuja amplitude pode alcançar centenas ou milhares de anos, e que desconcertam o critério de notícia. Seus impactos muitas vezes podem ser antevistos somente com uma dose de boa vontade para com as fontes que teimam em desrespeitar o coro dos contentes e avisar das probabilidades dos problemas que se avizinham”. (2005)

O autor destaca que o leitor que deseja ter informações mais especializadas não deve procurá-las nos veículos da grande mídia e sim nos especializados. Na necessidade de manter-se informado sobre o tema, o leitor terá que recorrer além da leitura dos grandes veículos – aqueles que publicam o geral – e buscar um veículo especializado.

O caráter interdisciplinar da temática ambiental, por si só, não é garantia de notícia. Em sua pesquisa junto a profissionais da área da comunicação, Barbour (2003), relatou que muitos não concordam com a possibilidade de incluir a temática ambiental em todas as editorias, “ou por exigir capacitação dos profissionais ou por acreditarem que esta não é a função do jornal”. Para a maioria dos profissionais ouvidos na pesquisa, muitos jornalistas não entendem e não se interessam pelo tema.

Após 40 anos de intensificação do discurso ambiental, o ambiente tem conseguido espaço – pequeno, nos veículos de comunicação de massa, porém, o tema ainda é colocado de forma fragmentada, descontextualizada da história, da política e economia, tendo ainda as publicações submetidas ao interesse de terceiros (empresas).

2.3 A MÍDIA E O AMBIENTE

A partir desta fundamentação é possível exemplificar o interesse midiático referente ao problema ambiental e socioeconômico do Rio Taquari. Ele pode ser dimensionado pela forma e o conteúdo exposto por vários jornais impressos que circulam no Estado de Mato Grosso do Sul. Não raro, é possível encontrar manchetes como as publicada no dia 5 de junho de 2004, no suplemento especial ecológico do jornal *Correio do Estado*: “Rio Taquari continua morrendo asfixiado” e “Moratória pode conter evolução do assoreamento”.

A primeira manchete que foi capa do referido caderno, destinou uma página inteira aos problemas ambientais do rio. Já a segunda matéria, destinou quase que o mesmo espaço para divulgar ações radicais que podem impedir a evolução da degradação ambiental do Taquari. Confirma este exemplo o fato de que a popularização do conceito que conhecemos como “ambiente”, ao simples termos de “fauna e flora”, foi acelerada pelos principais meios de comunicação. Não raro, é possível encontrar nos principais meios de comunicação de massa alusões a esta simplificação de conceito.

Entre os anos de 1992 e 1997, Crespo (2003) desenvolveu pesquisas temáticas nacionais de opinião sobre o ambiente. Nestes cinco anos, o trabalho da pesquisadora teve como objetivo:

“identificar e acompanhar a agenda pública das lideranças que atuam no setor; coletar a opinião do cidadão comum, bem como medir sua disposição de apoiar e participar de ações que visem proteger ou melhorar o meio ambiente; e, por último, criar uma série histórica que permita o acompanhamento da evolução da consciência ambiental no País”. (2003)

Embora tenha observado que a consciência ambiental cresceu nestes anos e que o número de pessoas que dizem estar interessadas no assunto também aumentou. Crespo (2003) destaca que os brasileiros ainda mantêm uma visão

bastante “naturalista” do ambiente. Os brasileiros ainda definem o ambiente como “flora” e “fauna”, sendo bastante significativo o número de pessoas que não incluem as cidades e os homens no conceito. Constata-se também que é inexpressiva a participação da sociedade nas instâncias de questionamento e fiscalização de projetos e empreendimentos que causam danos ambientais. Dos entrevistados na pesquisa, apenas 15% lêem jornais diariamente e 90% têm na televisão a sua principal fonte de informação.

A unanimidade que a televisão atinge como principal fonte de informação da grande massa pode ser traduzida pelas facilidades que o meio oferece, ou seja, as imagens atraem mais do que as palavras. Referindo-se a Aldeia Global, McLuhan (1969) diz que ela encurta distâncias, é solidária e democrática; fusionando comunidades distintas. O telespectador não precisa sequer se levantar da poltrona para acessar os mais variados tipos de conteúdos.

A televisão, através de uma grande diversidade de canais, tem contribuído ao longo dos anos para intensificar o que Trigueiro (2003) define como “as imagens e sons da vida selvagem”, por meio de programas que revelam os “flagrantes do reino animal entremeados de takes cinematográficos de lugares exóticos”. Cita como exemplo o Globo Repórter, da Rede Globo de Televisão, que entre os anos de 1998 e 2003, exibiu 100 especiais que tinham como pauta a vida selvagem. O autor afirma que este tipo de associação leva a crer que ambiente ainda é um “conceito periférico” para os profissionais de comunicação. O grande desafio destes profissionais é transitar pela interdisciplinaridade, fazer a leitura de um mundo cada vez mais interligado. Contribui como desafio para interdisciplinaridade, o próprio jargão ecológico. Traduzir, sem prejuízo da informação, expressões como “desenvolvimento sustentável”, “eficiência”, é uma tarefa árdua até para profissionais experimentados da área.

Para Berna (2005), a resposta de segmentos da sociedade à diminuição do interesse da grande mídia com as questões ambientais tem sido o surgimento de

veículos especializados em ambiente como o *Jornal do Meio Ambiente (RJ)*, a *Folha do Meio Ambiente (DF)*, *Jornal Terramérica (SP)*, entre outros. Embora dirigidos para o mesmo público, esses veículos especializados em ambiente não são concorrentes entre si, mas se complementam.

O autor faz uma comparação entre a grande mídia e a mídia ambiental: enquanto uma vê a árvore, a outra olha também a floresta. Para ele, a superficialidade na cobertura ambiental pela grande mídia deve-se a falta de tempo, condições e qualificação do profissional para o jornalismo investigativo, e isso atinge todos os segmentos da informação e não só o ambiental. Romper a simplificação dos conceitos, algo que facilita a vida dos jornalistas, também é uma necessidade. Nem todas as palavras e expressões da temática ambiental justificam o emprego de um sinônimo no texto jornalístico. O uso de palavras como “transgênicos” e “biopirataria”, incompreensíveis para a grande massa, até pouco tempo atrás eram desaconselháveis em textos jornalísticos.

Mas, atualmente a mídia tem feito esforço maior do que no passado de oferecer espaço e divulgar notícias relacionadas à temática ambiental. Entretanto, mais do que quantidade, é preciso entender estas notícias; qual o seu enfoque, quais tipos de informação estão contidas nos produtos jornalísticos. Alves (2002) numera os grupos de notícias ambientais em três: tragédia, natureza e tecnologia. Já Ramos (1995), ao concordar com estes grupos de notícias pontua que a influência da comunicação no discurso ambiental, ao mesmo tempo em que cumpre o papel de elo para a constituição de uma base de entendimento comum diante das diferentes leituras sobre o ambiente, também é responsável pela omissão e difusão sem limites e sem critérios de mensagens ambientais”.

A crítica sobre a mídia, que, através do jornalismo, banaliza o ambiente ganha reforço em Brügger (1999) que adiciona a distorção de valores ambientais apropriados pela sociedade com ajuda dos meios de comunicação de massa. A autora classifica de rupturas com o entorno, a forma deseducada e alienada que a mídia trata os conteúdos ambientais. Estas rupturas também são promovidas pelas mensagens, por meio de ações de mecanismos sutis não explícitos, mas efetivos,

que se encontram nas entrelinhas da totalidade do que se veicula. Por se tratar do resultado da ação de conteúdos não manifestos esse é, sem dúvida, o efeito mais devastador da mídia em termos de formação de visões de mundo.

Da mesma forma Brügger (1999) afirma que a mídia legitima valores avessos, parciais ou totais, a uma ética que poderia qualificar de ambientalmente correta. Para a autora, é preciso levar em consideração não somente os aspectos ideológicos manifestos, mas também o conteúdo ocultado ou latente dos mesmos e suas implicações na já mencionada perspectiva de um meio ambiente construído historicamente. Muitas mensagens na mídia revelam conteúdos fortemente (anti) ambientais implícitos que as tornam muito eficientes no sentido de “formar”, “conformar” ou “deformar” aspectos da realidade ambiental.

Dutra (2003) aponta que a “ampla e irrestrita” difusão de informações sobre a problemática ambiental é essencial para a prática interdisciplinar, sendo que esta necessidade é ampliada pela dificuldade de interligação entre as diversas áreas do conhecimento que se “acentua à medida que, muitas vezes, as particularidades temáticas e o vocabulário específico de cada área dificultam o entendimento recíproco”, tornando-se limitante no alcance de uma visão globalizada do ambiente.

2.4 A LONGEVIDADE DA IMPRENSA ESCRITA

A extinção dos veículos de comunicação de massa impressos (jornais e revistas) vem sendo anunciada há pelo menos 100 anos, desde do início do século XX. Lage (1999) aponta que a sobrevivência destes veículos dependerá “do grau de controle político e do desenvolvimento da mídia eletrônica, que é mais veloz, eficiente e não gasta papel”. Porém, o autor assegura que a notícia escrita será preservada em veículos especializados, mesmo que chegue ao leitor por meios eletrônicos.

Mas, nem a expansão do rádio, TV e da internet, conseguiu reduzir a influência ou tiragem de jornais e revistas. Scharf (2004) levanta que, no Brasil, existem mais de dois mil jornais, sendo que um por cento tem tiragem superior a 100 mil exemplares diários. No mercado de revistas existem duzentos títulos principais que totalizam 16,7 milhões exemplares mensais. A revista *Veja* é líder neste segmento, tendo tiragem semanal de 1,2 milhão de exemplares.

A Associação Mundial de Jornais (2000) afirma que o brasileiro não mantém o hábito da leitura, lendo menos que habitantes de países em desenvolvimento como a Costa Rica e Filipinas, por exemplo. Para cada mil habitantes brasileiros são vendidos 46 jornais. Em comparação à média japonesa – 574 exemplares vendidos para cada mil habitantes – a média de leitores brasileiros de jornais é extremamente baixa, menos de 51 % da população brasileira lê jornal pelo menos uma vez por semana.

Comparada à TV e o rádio, a imprensa escrita é mais devagar e menos dinâmica. A informação dada no dia por estes veículos é repassada pela imprensa escrita aos leitores apenas no outro dia ou semana (caso das revistas). Contra a imprensa escrita pesam ainda a falta de atrativos como som e imagens em movimento. Em contrapartida, a imprensa escrita possui características próprias que garantem sua sobrevivência e atraem leitores exigentes. A possibilidade de aprofundamento em temas e assuntos tratados de forma superficial na televisão é apenas uma das várias possibilidades que existem na imprensa escrita.

Abordar a degradação ambiental do Rio Taquari, um dos maiores problemas socioeconômicos e ambientais do Mato Grosso do Sul, em uma reportagem, é uma tarefa praticamente inviável para profissionais que trabalham na produção e execução de um telejornal. Em média, cada reportagem exibida na televisão tem duração entre um e dois minutos. Nestes casos, a saída encontrada para se falar sobre um assunto tão complexo é a veiculação de reportagens especiais – chamada de série, que dura vários dias, até semanas ou a produção de programas

segmentados, também chamados de temáticos, sendo o Globo Repórter da rede Globo um dos principais exemplos do país.

O poder de reflexão está muito mais próximo do leitor do que do telespectador ou ouvinte. Confirma esta afirmação o exemplo contido no *Manual de comunicação e meio ambiente*, publicado pela WWF Brasil (2004), sobre o desastre ambiental ocorrido na indústria de papel Cataguazes, em Cataguazes, Minas Gerais. Enquanto todos os demais veículos divulgaram, quase que em tempo real, o lançamento de 1,2 bilhão de litros de efluentes no rio Pomba, jornais e revistas tiveram a oportunidade de mapear o passado da empresa e acidentes do gênero ocorridos no país. A chance de se entender o episódio de maneira clara e até mesmo a oportunidade de se pensar em alternativas para que ele não se repita, na maioria das vezes, é desperdiçada pelos veículos de comunicação de massa, cujo ritmo de produção é mais frenético do que os da imprensa escrita.

Nas redações dos principais jornais diários do Brasil e do mundo, repórteres e editores têm pouco tempo para descobrir, investigar, compreender e traduzir um fato num texto claro e conciso. Ao jornalista caberá também, durante este curto espaço de tempo, produzir textos complementares que ajudem o leitor a entender o contexto da notícia. Toda essa dinâmica de apuração e produção textos sobre a notícia acontecem num período que compreende pouco mais de 14 horas. Até as 19 horas de todos os dias, o jornal do dia seguinte está pronto para ser rodados nas gráficas.

Dentro da hierarquia de um jornal, o repórter é subordinado ao editor, que sugere pautas, acompanha a execução, revisa e aprova o texto do repórter, escolhe título e as legendas de fotos. Ao editor cabe negociar espaço nas próximas edições do jornal e o que terá mais destaque, de acordo com a linha editorial do veículo. Scharf (2004) observa que além da maior profundidade na abordagem e contar com o suporte físico do papel, “a imprensa escrita se destaca pelo excepcional poder de segmentação, só comparável ao da internet”. É possível através dos jornais alcançar todos os públicos possíveis, oferecer-lhes conteúdo e linguagem diferenciados. Os

jornais funcionam, na maioria das vezes, como a “primeira leitura”, sendo que provavelmente o leitor de uma revista tenha passado primeiro por um jornal. Por motivos como este, os jornais se destinam a um público mais amplo.

A maioria das redações dos jornais brasileiros costuma ser dividida em editorias que contemplam política, economia, internacional, geral, esportes, cultura e opinião. Ainda, Scharf (2004) aponta que para a editoria de geral são encaminhados textos que não se enquadram nas demais editorias citadas acima. As reportagens sobre temas como saúde, ciência e ambiente costumam ser inseridas na editoria de geral. São raros os veículos que destinam espaço específico para estes temas.

Pesquisas de opinião indicam que os leitores se interessam mais por reportagens locais, notícias que abordam sua cidade e até seu bairro. Dentro desta preferência está inserida a segmentação regional que tem grande influência no enfoque dado à notícia por jornais e revistas. Publicações restritas a uma cidade ou a um Estado têm como foco principal temas próximos do cotidiano do leitor. No caso da imprensa nacional, jornais do eixo Rio - São Paulo e revistas semanais, os temas se relacionam ao interesse dos leitores de todo o país. Dentro deste contexto, a linha de segmentação temática que engloba assuntos tão variados como esportes, política, economia e ambiente foi bastante ampliada nas últimas décadas.

Cabe aqui também discutir alguns pontos negativos do jornalismo impresso. A falta de recursos e de profissionais nas principais redações do país, de certa forma, vem descaracterizando a imprensa escrita nos últimos anos. Chaparro (2003) aponta o direitismo ideológico e a prudência editorial dos empresários, que visam a proteger seus negócios, como características negativas do jornalismo impresso. Embora reconheça os efeitos limitantes por que atravessam os principais jornais e revistas do planeta, o autor enxerga nas redações uma prostração de seus profissionais e questiona a ausência de matérias que ajudem a opinião pública a entender o significado dos grandes confrontos que recheiam o noticiário atual. Como dica para evitar a acomodação, que assola os profissionais, o autor sugere aos profissionais recorrerem a pesquisas acadêmicas, estudos, documentos e personagens para enriquecer o material jornalístico publicado.

Em entrevista ao site *comunique-se*⁴, o diretor de redação do jornal *Hoje em Dia*, Carlos Lindenberg, relaciona o direito à livre informação jornalística ao bom gerenciamento empresarial do veículo que publica as notícias. Para o jornalista, apenas empresas financeiramente saudáveis e bem gerenciadas podem garantir o que ele chama de uma informação confiável, sem estarem comprometidas com outros interesses. Dentro deste contexto, Lindenberg relaciona a crise cambial ocorrida em 1997, no governo de Fernando Henrique Cardoso, como estopim para a crise financeira que assola os principais veículos impressos do país.

Apesar das dificuldades econômicas e da concorrência da internet, o jornalismo impresso ainda figura entre as mídias com maior credibilidade. Otávio (2003) aponta que, em análises mais profundas, o jornal impresso continua a ser o principal meio de consulta para políticos e executivos que compõem a elite brasileira. O autor destacou pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos-Marplan que teria comprovado a importância dele (jornais impressos) na tomada de decisões, especialmente em negócios de compra e venda de mercadorias ou serviços.

2.5 A MÍDIA E O AMBIENTE: O TAQUARI NOS JORNAIS IMPRESSOS

Zanatta (2001) ao falar sobre a comunicação, elege-a como uma nova esperança para a humanidade e o homem pós-moderno do século XXI. Para ele, quem pretende pesquisar ou entender a temática ambiental deve estar disposto ao diálogo interdisciplinar. Dentro desse contexto, a comunicação é classificada como um processo amplo e cujo leque de efeitos é, na maioria das vezes, imprevisível. Sobre a realidade atual dos jornais impressos, o autor diz que:

⁴ www.comunique-se.com.br, site voltado aos profissionais da área da comunicação, especificamente, os jornalistas. Em pouco mais de cinco anos de funcionamento, o site tornou-se referência para os jornalistas que buscam informações e opiniões sobre o mercado da comunicação em geral.

“na busca por novos horizontes e enfoques no campo da pesquisa científica, o jornalismo impresso de alguns anos para cá, passou a fazer parte do dia-a-dia de pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento. Com isso, a comunicação, além de ser objeto de pesquisa, é instrumento dinâmico de ação e transformação social, podendo ao mesmo tempo ser instrumento de legitimação do sistema, bem como uma forma de contestação”. (2001)

Lage (1999) complementa esta afirmação, ao comentar o entendimento do papel político e social da notícia, classificando o mesmo em duas vertentes: “a que ressalta o direito à informação e a que destaca a liberdade de informar”.

Para fazer a caracterização da relação mídia e ambiente, tendo como objeto de pesquisa o Rio Taquari, através do jornal impresso, destaca-se o que Zanatta (2001) classifica como “um resgate cultural que pode ajudar a entender melhor a lógica empregada pelo sistema capitalista nas questões relacionadas ao meio ambiente”. O autor, que analisou o pantanal a partir de informações publicadas no jornal impresso, afirma que esta é uma forma fundamental para “compreender melhor uma realidade que faz parte do cotidiano sul-mato-grossense”.

2.6 A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DO RIO TAQUARI

2.6.1 Início e as Características da Degradação

O transporte de sedimentos sempre foi uma característica do Rio Taquari, que é um dos principais formadores do Pantanal. Porém, a rápida expansão da agropecuária, na parte da Bacia do Alto Taquari (BAT), iniciada na década de 70, aumentou significativamente o assoreamento do leito do Rio Taquari, no Pantanal, contribuindo para a inundação permanente de 11 mil k^2 de terras, na planície baixa do curso do rio (Fig. 3 e 4) como apontam os autores Galdino e Vieira (2004). Os

autores estimam que, em 1997, o aporte de sedimento para o Pantanal era 36 mil ton./dia, quantidade suficiente para encher diariamente 1.000 carretas de areia.



Figura 3. Área permanentemente inundada no Rio Taquari na região de Corumbá – MS



Figura 4. Área permanentemente inundada no Rio Taquari na região de Corumbá – MS

Padovani *et al.* (2000) dividem o rio em duas partes, em razão de suas características morfológicas (médio e baixo Rio Taquari). Exemplificando a classificação, destacam que o médio Taquari “apresenta-se sob a forma de meandros, enquanto que no baixo curso do Rio Taquari, o padrão de drenagem predominante é o anastomosado”. Os autores consideram o baixo curso como “historicamente instável” e área de risco para as atividades humanas, observando que as mudanças ocorridas no baixo curso deixam de ter apenas interesse aos pesquisadores “à medida que influenciam diretamente os habitat naturais e as atividades econômicas desenvolvidas no pantanal”.

O Rio Taquari - cuja extensão é de 801 km - tem suas nascentes nas terras altas entre a Serra da Saudade e a Serra de Maracaju, no Estado de Mato Grosso do Sul. Os municípios que compõem a Bacia do Alto Taquari no MS são: Alcinópolis, Camapuã, Costa Rica, Coxim, Pedro Gomes, Ribas do Rio Pardo, Rio Verde, São Gabriel D’Oeste e Sonora. É um dos mais importantes afluentes do rio Paraguai, tendo papel socioeconômico fundamental na pecuária desenvolvida nos pantanais da Nhecolândia e Paiáguas. Voltando a Galdino e Vieira (2004), os autores

destacam que as pastagens cultivadas da BAT estão em áreas suscetíveis à erosão, como solos arenosos e relevo acidentado. As perdas de solo e a produção de sedimento na Bacia do Alto Taquari são potencializadas pela não utilização de técnicas de manejo de pastagens adequadas e falta de práticas de conservação do solo.

No baixo curso do Rio Taquari estão localizadas grandes propriedades, cuja principal atividade é a pecuária de corte e pequenas colônias, que sobrevivem da agricultura, pecuária e pesca. A navegação é o meio responsável pelo escoamento da produção das colônias para as cidades de Corumbá e Ladário. A intensificação da agricultura nestas áreas também implica em riscos de contaminação dos recursos hídricos, com resíduos de agro-químicos, utilizados nas lavouras, causando impactos negativos tanto para as águas superficiais, que irrigam o Pantanal, quanto para as águas subterrâneas, como as do Aquífero Guarani, que abrange quase todo o Centro-Sul, brasileiro estendendo-se pelo Uruguai, Paraguai e Argentina.

Levantamentos realizados pelo projeto *SOS Taquari*, desenvolvido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e parceiros, apontaram que os maiores impactos ambientais causados pelas atividades agrícolas na região referem-se à degradação dos recursos naturais como: processos erosivos do solo, perda de biodiversidade, pastagens degradadas e uso indiscriminado de agro-químicos.

O transporte de sedimentos para a Planície Pantaneira resultou em assoreamento do Rio Taquari, aumentando o impacto das enchentes e causando redução da disponibilidade de pastagens nativas. A inundação contínua desencadeou alterações no processo natural de sucessão vegetal (Fig. 5), afetando também a fauna regional.



Figura 5. Alterações no processo de sucessão vegetal no pantanal do paiaguás na região de Corumbá – MS

Galdino e Vieira (2004) observam que, ao transpor as margens do rio, as águas causam o rompimento da mesma, sendo que nas partes onde a água apresenta maior energia ou áreas mais baixas do barranco, formam a cada ano, novos canais, inundando extensas áreas, dando origem aos chamados “arrombados”. Os mais conhecidos são o do “Zé da Costa” (Fig. 6) e “Caronal”. As águas do Rio Taquari começaram a verter pelo “arrombado” Zé da Costa, na década de 1980. Os autores afirmam que este canal é responsável por 70 % da vazão atual em detrimento da grande redução da descarga no leito antigo.



Figura 6. Arrombado “Zé da Costa”, no pantanal do paiaguás na região de Corumbá – MS

Brum (2001) define arrombado como “cortes de meandros produzidos pelo rio durante as enchentes, dividindo propriedades estabelecidas”. Juntamente com características como o aumento do período de inundação de áreas ribeirinhas próximas aos rios, erosões localizadas em áreas urbanas e modificação dos ciclos de cheias são apontadas pelo autor como grandes mudanças que ocorreram na paisagem pantaneira nas últimas décadas.

Os proprietários de fazendas localizadas na região, ainda hoje fazem o fechamento desses arrombados, manualmente, e, mais recentemente, com dragas. Padovani *et al.* (2000) observam que a instabilidade do rio faz com que estas medidas sejam apenas paliativas. As mudanças no leito do rio, provocam inundações em algumas áreas e “seca” em outras, com diferentes conseqüências para a pecuária, reduzindo a área de pasto disponível e podendo causar até a morte do gado. Nas áreas que passam a ficar mais secas, o efeito tem sido positivo para a pecuária, permitindo a introdução do gado em parte do ano.

2.7 ASPECTO SOCIOECONÔMICO DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DO RIO TAQUARI

No mês de agosto de 2004, uma expedição de pesquisadores da Embrapa Pantanal e Universidade para o Desenvolvimento do Estado da Região do Pantanal (Uniderp) e que integra a pesquisa de campo desta dissertação, constatou que, além de pequenos arrombamentos na margem esquerda do rio, atualmente o Taquari extravasa quase a metade de suas águas pela margem direita, através do “arrombado do Caronal” e a outra metade, pelo arrombado “Zé da Costa”, inundando colônias de pequenos produtores existentes no Pantanal, como São Domingos, Cedro, Miquelina, Rio Negro e Bracinho (Fig. 7).



Figura 7. Ribeirinhos da colônia Bracinho, no pantanal do paiaguás na região de Corumbá – MS

A maioria dos habitantes destas colônias encontra-se hoje na periferia de Corumbá e Ladário, aguardando programas de re-assentamento do Governo Federal. Sobre a migração dos colonos para a periferia das duas cidades mais próximas do rio, a pesquisadora holandesa Helena Berendes⁵ destaca que os ribeirinhos deixaram para trás suas propriedades porque o assoreamento do rio fez com que eles perdessem o que ela chama de “modo de vida”, a base econômica de sustento. A pesquisadora relaciona o desenvolvimento regional, baseado na natureza, como uma outra forma de economia e sugere o eco turismo como possível solução para os problemas dos ribeirinhos do Taquari. Porém, ao falar sobre a viabilidade da atividade como alternativa para o problema socioeconômico, ela afirma que deve haver uma conjunção entre eco turismo e agropecuária, uma vez que apenas a vinda de turistas aos municípios de Corumbá e Ladário talvez não seja capaz de resolver o problema.

A expedição dos pesquisadores teve, entre suas finalidades, a produção de um vídeo-documentário (Fig. 8 e 9) sobre os reflexos do impacto ambiental na vida dos moradores das colônias citadas acima. Durante três dias de visitas às colônias, foram captadas imagens e depoimentos de ribeirinhos que se lembram do rio preservado apenas em suas memórias. Os relatos serviram como ponto inicial do roteiro do vídeo-documentário (cópia em DVD), cuja realização é uma parceria entre a Embrapa Pantanal e a Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP). O vídeo-documentário também está inserido como parte integrante desta dissertação e nas ações do subprojeto “Solução dos problemas relacionados aos “arrombados” na Bacia do Rio Taquari”, coordenado pela Embrapa Pantanal e inserido nas proposições do Projeto “Implementação de Práticas de Gerenciamento Integrado de Bacias Hidrográficas para o Pantanal e a Bacia do Alto Paraguai (ANA/GEF/PNUMA/OEA)”.

⁵ Pesquisadora do grupo Holandês Alterra e parceira da Embrapa, unidade Pantanal, em projetos relacionados ao Rio Taquari, depoimento extraído do documentário “Arrombados do Rio Taquari” (Cupertino, 2004).



Figura 8. Pesquisadores entrevistam ribeirinho durante produção do documentário “Arrombados do Rio Taquari” na região de Corumbá – MS



Figura 9. Pesquisadores entrevistam ribeirinha durante produção do documentário “Arrombados do Rio Taquari” na região de Corumbá – MS

Por meio da vivência de três dias nas colônias, oportunizada pela produção do vídeo, é possível destacar que os ribeirinhos que decidiram ficar no local, encontram-se hoje afastados do poder público, não tendo acesso a atendimento médico e estrutura básica, como saneamento, energia elétrica e água encanada. O pequeno produtor rural, Valdir Rodrigues⁶, critica a frequência com que os ribeirinhos são visitados por médicos e dentistas da cidade de Corumbá. Para o agricultor, as visitas que acontecem esporadicamente, não surtem efeito na saúde dos moradores da colônia.

⁶ Valdir Rodrigues, 52 anos, agricultor e morador da colônia São Domingos.

A informação é confirmada pela agricultora Maria Simão⁷ que diz ter tido uma filha mordida por um jacaré há 10 anos. Sem nenhum tipo de atendimento médico, a filha foi curada por ervas plantadas no quintal de casa, como “mangava brava” e “boldo”. Formada por casas simples, construídas com os recursos do próprio local e que mudam de local conforme a água avança para áreas mais elevadas, a colônia São Domingos onde moram os dois entrevistados é formada hoje por 20 famílias, podendo ser definida como uma paisagem em constante movimento.

A pesquisadora Mercedes Abid Mercante⁸ destaca que o surgimento de novos arrombados e, conseqüentemente, a mudança do leito do Taquari, pode isolar ainda mais os ribeirinhos nos próximos anos. Para a pesquisadora, confirma esta afirmação o relato dos ribeirinhos de que o leito do rio mudou mais de uma vez nas últimas décadas. A expectativa da pesquisadora é que o acesso até as colônias que hoje é feito por canais fluviais rasos, será ainda mais difícil e precário nos próximos anos (Fig. 10).

⁷ Maria Simão, 68 anos, agricultora e moradora da colônia São Domingos.

⁸ Professora do programa de Mestrado e Meio Ambiente da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – Uniderp, depoimento extraído do documentário “Arrombados do Rio Taquari”. (Cupertino, 2004)



Figura 10. Canais fluviais rasos dificultam o acesso até as colônias no pantanal do paiguás na região de Corumbá – MS

As mudanças ocorridas no leque aluvial do Rio Taquari e os reflexos dessa mudança no modo de vida da população ribeirinha estão destacados pela pesquisadora no projeto “Paisagens e Memória do Pantanal”, que também indica que ação erosiva do rio além de inviabilizar a pecuária extensiva em propriedades consideradas lucrativas acabou prejudicou outra atividade tradicional da região, a pesca.

Para discorrer sobre este outro aspecto da degradação ambiental sócio-econômica do Taquari é preciso recorrer a Resende (2003) que destaca o trabalho do Instituto de Preservação e Controle Ambiental (Inamb) entre os anos de 1979 e 1983. Durante o período, o instituto coletou informações sobre a captura de peixes na região, levantando que a média retirada de pescado do rio era de 485 toneladas ao ano, sendo que a partir do ano de 1994, quando foi implantando o Sistema de Controle de Pesca de Mato Grosso do Sul, a média tem ficado próxima de 62 toneladas por ano, número sete vezes menor do que em anos anteriores. A autora observa que a diminuição de pescado é agravada pela cultura da pesca predatória

que se intensifica na época de reprodução (piracema), comprometendo ainda mais a reposição dos estoques pesqueiros. A crença dos pescadores de que onde há água, também há peixe, não foi confirmada pela inundação permanente de 11.000 km² de áreas. Além de não haver aumento na produção pesqueira, a redução dos estoques continua como observa Resende (2003).

Após se fazer, diariamente, durante um ano o acompanhamento das edições dos dois jornais propostos na pesquisa, é possível afirmar com bastante acuidade, que o aspecto socioeconômico do problema ambiental do Rio Taquari não se caracteriza como destaque para estes veículos. O aspecto socioeconômico do Rio Taquari não serviu sequer uma única vez como fonte para a produção de matérias jornalísticas durante os doze meses de 2004, período em que foi feito o acompanhamento diário das edições dos jornais *Correio do Estado* e *Diário do Pantanal*. Em todas as 35 reportagens veiculadas nos dois jornais durante o ano, apenas a degradação ambiental foi explorada, sendo o assoreamento o aspecto mais evidenciado. Apenas após o lançamento do vídeo-documentário em março de 2005 e a seleção do mesmo para participar da mostra de filme e vídeos da Segunda Edição do Festival América do Sul (maio de 2005), é que foram produzidas reportagens sobre o aspecto socioeconômico das populações ribeirinhas retratadas no vídeo-documentário.

Com o título “Drama do Rio Taquari prejudicou populações”, a reportagem publicada no *Correio do Estado* do dia 28 de março de 2005 faz o que se pode chamar de uma transcrição quase que literal das informações geradas pelo vídeo-documentário e que foram repassadas ao jornal através de press release⁹ feito pela assessorias de comunicação da Embrapa Pantanal e da UNIDERP.

⁹ Termo que significa em inglês, informação à imprensa. Enviada aos jornais, emissoras de TV e rádio para possível divulgação.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Os estudos relacionados à sociedade e à conduta humana são tão antigos quanto os fenômenos físicos e biológicos, embora, o que se tem produzido de ciência ainda é muito incipiente. Para Nagel (1967), a questão crucial é “conseguir alguma clareza nos problemas metodológicos e na estrutura das explicações”. O autor esclarece que os problemas nas ciências sociais estão diretamente ligados ao objeto de investigação, à natureza da pesquisa. As leis que servem de instrumentos para explicações e previsões ainda são escassas, devido ao fato de o objeto de análise fazer parte do estudo da sociedade.

Para isso é necessário que se atente para a objetividade e pesquisa científica. Sem objetividade a ciência e a pesquisa científica perdem o seu caráter único e especial. Objetividade em ciência é um método, um procedimento, uma maneira de dirigir um assunto científico.

Podemos citar dois exemplos de pesquisa, a fim de classificá-las para tornar a análise mais clara. Temos a pesquisa experimental e o estudo não-experimental, este, caracterizado pela não interferência nos processos e seus efeitos. As características dos sujeitos “como eles são”, são observadas e as relações entre as características avaliadas, sem tentar mudar nada. Portanto, é toda investigação das relações entre variáveis, quando não há manipulação.

A pesquisa interdisciplinar em Comunicação¹⁰ faz-se através do estudo sistemático de todos os meios, formas e processos de informação. Do ponto de vista

¹⁰ Pesquisar a comunicação é utilizar uma variedade de métodos entre eles o método histórico-crítico; descritivo – analítico; estudos de caso que fazem (pesquisas) indagações intensivas em um ou vários exemplos importantes ou fontes importantes de mensagens com a intenção de formular hipóteses realistas para seus estudos; estudos experimentais de

metodológico, temos que considerar tanto as pesquisas que utilizam técnicas quantitativas quanto as que utilizam técnicas qualitativas, pois o inter-relacionamento dos fenômenos situa melhor o processo de transmissão e de recuperação da informação naturalmente faz parte do processo social básico. Busca-se também adequar os métodos e técnicas ao objeto que se pretende estudar.

Na pesquisa qualitativa o teor de qualquer enfoque que se desenvolva será dado pelo referencial teórico no qual se apóie o pesquisador. Triviños (1990) afirma que a pesquisa qualitativa tem como principais características:

- Tem o ambiente natural como fonte direta e o pesquisador como instrumento chave;
- Ela é descritiva. A interpretação dos resultados surge como totalidade de uma observação no contexto onde o fenômeno ocorre. Os resultados normalmente são expressos por descrições (retratos), ou seja, em narrativas;
- O pesquisador está preocupado com o processo e não apenas com o resultado. Busca penetrar na estrutura do fenômeno captando a essência que não aparece à primeira vista, sendo um processo para descobrir as causas, razões, enfim compreender o processo evolutivo;
- Tendem a analisar os dados indutivamente.
- Os significados, as interpretações surgem da percepção dos fenômenos vistos no contexto.

campo; método *post facto*; experimento controlado. Além da utilização de questionários, entrevistas, testes, observação etc.

3.1 ESTUDO DE CASO

Com o objetivo de estudar o problema em questão definiu-se pela pesquisa qualitativa, inicialmente com estudos exploratórios e descritivos, seguindo por meio da utilização de orientações do estudo de caso. A opção é aconselhável por tratar-se de uma situação conhecida, porém, ainda registra-se um número reduzido de pesquisas com este enfoque sobre o tema cria-se a possibilidade de avançar nos trabalhos.

Geralmente, o estudo de caso constitui-se em uma unidade dentro de um sistema mais amplo dentro da pesquisa qualitativa. A validade do estudo de caso está no fornecimento de conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada onde os resultados atingidos podem permitir formular questões/hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas. As autoras Dencker e Viá (2001) listam algumas características de um estudo de caso:

- principal objetivo é a descoberta;
- enfatiza a “interpretação do contexto”;
- busca retratar a realidade de forma completa e profunda;
- usa uma variedade de fontes de informação; procura representar os diferentes e conflitantes pontos de vista presentes em determinada situação;
- utiliza uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa;
- usa a subjetividade, embora a subjetividade na narrativa pressuponha uma realidade social e coletiva incorporada pelo sujeito.

Os estudos de caso são identificados por Sullivan *et al.* (2001) como a “observação de uma pessoa, um processo ou um evento social caracterizada por uma análise profunda, entrevistas e pesquisa empírica detalhada”. Portanto, oferecem informações detalhadas e específicas sobre um evento ou situação.

Para Goode e Hatt (1977) o estudo de caso “é um meio de organizar os dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado”. Pode-se afirmar que, é uma abordagem que considera qualquer unidade social como um todo, incluindo o desenvolvimento dessa unidade que pode ser uma pessoa, uma família, um grupo social, um conjunto de relações ou processos, ou mesmo toda uma cultura.

Também é importante a observação de Bruyne *et al.* (1991), quando alerta para o fato de que os estudos rigorosos de caso não devem limitar-se a uma descrição, por mais documentada que seja, mas devem estar apoiados em conceitos e hipóteses, guiados por um esquema teórico que sirva de direção para a coleta de dados, tendo com isso possibilidade de assegurar a pertinência e a interpretação dos dados reunidos.

Na definição de Triviños (1990), o estudo de caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”.

Com o desenvolvimento da investigação qualitativa, ao longo do tempo, o estudo de caso, que estava em uma situação de transição entre os tipos de investigação qualitativa e quantitativa, constitui-se numa expressão importante na pesquisa em ciências humanas. Esta definição privilegia dois aspectos principalmente, primeiramente o específico, em seguida a complexidade que está determinada pelo geral, que serve de orientação no trabalho de investigação.

3.1.1 Classificação dos Estudos de Caso

Os estudos de caso podem incluir tanto estudos de caso únicos quanto de casos múltiplos. Em algumas áreas como ciência política e administração pública a

fim de delimitar traços bem definidos os metodólogos utilizam termos como método de caso comparativo. Constituem-se em variantes dos projetos de estudo de caso. O mesmo estudo pode conter mais de um caso único, para isto é preciso utilizar um projeto de casos múltiplos.

Nesta situação o autor recomenda que sejam observados alguns procedimentos que elenca-se a seguir. A preparação para a coleta de dados exige algumas habilidades do pesquisador, treinamento e preparação para o estudo específico. Dentre as habilidades do pesquisador, está a capacidade de fazer boas perguntas e saber interpretá-las, saber ouvir, e não ser enganada pelas próprias ideologias, ter a capacidade de adaptação e ser flexível, ter noção clara das questões que estão sendo pesquisadas, ser imparcial em relação a noções preconcebidas.

Para o treinamento e preparação do estudo de caso é preciso ter claro o problema sob estudo e o desenvolvimento do projeto. De onde se parte, para onde se pretende ir, como percorrer o caminho, até onde se pretende chegar.

Outro passo importante é a construção de um protocolo para o estudo de caso, principalmente nos projetos de casos múltiplos. Este deve conter uma visão geral do projeto, os procedimentos de campo, as questões do estudo e um guia para o relatório. A visão geral do projeto deve conter as informações prévias, as questões importantes e as relevantes a essas questões.

Os procedimentos de campo devem contemplar as principais tarefas ao coletar os dados, dentre elas a consulta a documentos primários e secundários, revisão da literatura em base de dados, além de periódicos científicos, obter acesso a organizações e pessoas - chave, estabelecer uma agenda clara para a coleta de dados para o período de tempo especificado para a realização da mesma, estar sustentado pela orientação do professor, estar preparado para situações inesperadas. As questões dos estudos de caso devem retratar o conjunto inteiro de interesses a partir do ponto inicial do projeto.

No estudo de caso múltiplo é preciso observar cinco níveis de questões:

- nível 1. Questões feitas sobre entrevistados específicos;
- nível 2. Questões feitas sobre caso individuais;
- nível 3. Questões feitas sobre as descobertas ao longo dos casos múltiplos;
- nível 4. Questões feitas sobre o estudo inteiro - por exemplo, recorrer a informações além dos casos múltiplos e incluir outra literatura que possa ser revista;
- nível 5. Questões normativas sobre recomendações políticas e conclusões, indo além do simples escopo do estudo. (Yin, 2001)

Estes procedimentos serão complementados através das técnicas de pesquisa como a realização de entrevistas semi-estruturadas com jornalistas, reunião de documentação para facilitar a observação das questões em estudo.

Como técnica integrante da estratégia metodológica eleita, a entrevista é classificada por Goode e Hatt (1977), como “toda entrevista consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social comum à conversação”.

Para Gil (1995) enquanto técnica de coleta de dados a entrevista é bastante adequada para obtenção de informações, considerada por muitos autores como a técnica de excelência na investigação social devido à sua flexibilidade e ainda, “parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi graças à sua aplicação”.

As principais limitações são apontadas como:

- a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas.
- a falta de compreensão do significado das perguntas.
- o fornecimento de respostas falsas determinadas por razões conscientes ou inconscientes.

- inabilidade ou mesmo incapacidade do entrevistado para responder adequadamente.
- a influência pessoal do entrevistador sobre o entrevistado.
- a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas dos entrevistados.
- os custos com a aplicação das entrevistas.

Em função da flexibilidade própria da entrevista, pode-se contornar muitas destas dificuldades com o planejamento da entrevista e abordagem adequada com o entrevistado.

A entrevista é um dos principais meios para a realização da coleta de dados. Triviños (1990) esclarece que a entrevista semi-estruturada eleita como a técnica para obtenção dos dados do trabalho, valoriza a presença do investigador além de oferecer todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e espontaneidade necessárias.

O autor entende que a entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, “oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”. Desta maneira o informante passa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. Portanto, pode-se afirmar que se constitui em processos de retro alimentação.

Dencker e Viá (2001) observam que o uso da entrevista é recomendado:

- quando não há outras fontes mais seguras para obtenção dos dados;
- quando oferece oportunidade de complementar uma observação;
- para conhecer opiniões, atitudes e crenças;
- quando o motivo que a determina seja plausível para o entrevistado.

As vantagens no emprego desta técnica são naturalmente mais flexíveis na apresentação das questões em que o pesquisador tem pouco conhecimento para determinar com antecedência o conteúdo das perguntas e o modo de formulação. Além de permitir obter informações de indivíduos mais complexos, emotivos ou mesmo para comprovar uma opinião. O roteiro de entrevista é de grande importância para delimitar e nortear os assuntos a serem tratados.

Estas observações aliadas ao treinamento do entrevistador que deverá propiciar um ambiente amistoso, apresentar as perguntas de forma objetiva e registrar as respostas de modo inteligível, vão favorecer para que os resultados sejam satisfatórios.

3.1.2 Opção Metodológica

Faz-se necessário esclarecer que os estudos de caso nas ciências sociais foram tratados como estágio exploratório de algum tipo de estratégia de pesquisa. Também era comum confundir os estudos de caso com estudos etnográficos, ou com a observação participante. Estes equívocos foram esclarecidos no desenvolvimento de pesquisas que revelam o estudo de caso como estratégia acertada para quando se pretende lidar com condições contextuais.

A definição de Yin (2001) é a mais pertinente aos propósitos deste trabalho, quando afirma que o estudo de caso compreende uma estratégia metodológica acertada por representar o caminho mais adequado para responder perguntas do tipo “como” e “por quê”. Estas questões lidam com situações que precisam ser traçadas ao longo do tempo, em vez de serem vistas como repetições ou incidências. É a estratégia escolhida para examinar acontecimentos contemporâneos, mas quando não é possível ter controle sobre os mesmos.

O autor resume que o estudo de caso possibilita uma investigação para se manter os aspectos gerais e singulares dos “eventos da vida real - tais como ciclo de vida individual, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores”. Dentro destas premissas esta pesquisa configura-se em um estudo de um único grupo de mídia, mas sem perder a noção da possibilidade de análise de vários fenômenos e variáveis deste mesmo objeto.

A escolha da estratégia desta pesquisa se justifica pelo quadro abaixo:

Quadro 1. Situações relevantes para diferentes estratégias Yin (2001)

Estratégia	Forma da questão de pesquisa	Exige controle sobre eventos comportamentais?	Focaliza acontecimentos contemporâneos?
Experimento	Como, por que	Sim	Sim
Levantamento	Quem, o que, onde, quantos, quanto	Não	Sim
Análise de arquivos	Quem, o que, onde, quantos, quanto	Não	<i>Sim/não</i>
Pesquisa histórica	Como, por que	Não	Não
Estudo de caso	Como, por que	Não	Sim

Ainda é importante observar que o estudo de caso é uma investigação empírica, que explora um fenômeno contemporâneo, dentro do seu contexto real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão definidos.

Devido às características pouco claras do estudo de caso tornam-se necessárias complementações na definição técnica, deve ser visto como estratégia de pesquisa, portanto, compreende um método que abrange planejamento incorporando abordagens específicas desde a coleta de dados, passando pela organização dos mesmos até alcançar a análise de dados.

Na pesquisa, foi utilizada a metodologia comparativa de dois veículos impressos: *Correio do Estado* e *Diário do Pantanal*. Primeiramente foram recolhidas todas as notícias publicadas, cuja temática fazia, especificamente, menção ao Rio Taquari, entre os dias 1 de janeiro e 31 de dezembro de 2004 (período referente à realização da pesquisa), incluindo todas as editorias, inclusive artigos editoriais de ambos os jornais. A análise de cada jornal foi ilustrada e reforçada com entrevistas feitas a partir de um questionário semi-estruturado respondido por sete profissionais (jornalistas) que atuam nos respectivos jornais pesquisados. Apenas os chefes de redações de cada jornal estão identificados nominalmente na pesquisa.

A análise de conteúdo do jornal *Correio do Estado*¹¹ foi feita a partir da análise comparativa, técnica utilizada em pesquisas relacionadas à identificação do conteúdo midiático. Durante a pesquisa, foram ouvidos quatro jornalistas da redação¹² do jornal *Correio do Estado*, os entrevistados fazem parte de três editorias, sendo elas a de Geral, Rural e Turismo. Optou-se por estas editorias pelo fato do maior número de reportagens terem sido encontradas nas editorias de Geral e Rural. O profissional da editoria de Turismo foi escolhido porque participou da produção do suplemento especial sobre Meio Ambiente (veiculado no dia 6 de junho de 2004).

¹¹ fundado em Campo Grande, então Estado do Mato Grosso, no dia sete de fevereiro de 1954, o jornal teve sua primeira edição publicada no formato tablóide, com oito páginas e distribuição de 600 exemplares. Idealizado por José Inácio da Costa Moraes e Roberto Brunini, o jornal foi criado para apoiar a União Democrática Nacional (UDN). A sua missão, estampada em forma de texto na capa do primeiro exemplar é definida como "(...) servir o povo de nossa terra, informando-o, indagando dos seus problemas, empenhando-se na sua solução, batendo-se por seus direitos e verdadeiros interesses". Publicado hoje em formato standard, o jornal passou a ser impresso a cores no dia 5 de setembro de 1994. Jornal diário impresso em circulação mais antigo de Campo Grande, o *Correio do Estado* tem tiragem média de 25 mil exemplares por dia, atingindo 90% dos 77 municípios de Mato Grosso do Sul.

¹² Chefe de redação é o profissional responsável pela coordenação dos demais profissionais que atuam num veículo de comunicação.

A análise de conteúdo do jornal *Diário do Pantanal*¹³ também como a do *Correio do Estado*, foi feita a partir da análise comparativa. Foram entrevistados três jornalistas da editoria de Cidades. A editoria foi escolhida porque todas as reportagens sobre o Rio Taquari veiculadas no período da pesquisa foram publicadas em Cidades.

3.1.3 Fontes de Evidências

Yin (2001) aponta o que ele chama de evidências para um estudo de caso, que podem vir de seis fontes distintas: documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos.

A documentação é relevante a todos os tópicos do estudo de caso, e deve ser objeto de planos explícitos da coleta de dados. Podem ser cartas, memorandos, relatórios escritos de eventos, documentos administrativos como propostas, estudos de avaliações formais do mesmo “local” sob estudo, recortes de jornais e outros artigos publicados pela mídia.

Os registros em arquivos variam de um estudo de caso para outro. Para alguns estudos estes se tornam tão importantes que acabam se transformando no objeto de uma ampla restauração e análise, como também podem ser de importância superficial.

¹³ O jornal *Diário do Pantanal* começou a circular em formato standard no dia primeiro de março de 2001. Publicado totalmente colorido, o jornal tem como principais objetivos a defesa da família, sociedade e do pantanal sul-mato-grossense.

As entrevistas constituem-se em fontes essenciais de informação para este estudo de caso. Para evitar fragilidades mais comuns já apontadas, fez-se o cruzamento dos dados obtidos com as entrevistas com informações obtidas através de outras fontes.

A observação direta foi realizada por meio de visita ao local escolhido para o estudo de caso.

Outra fonte de evidências é um artefato físico ou cultural que se constitui em algum aparelho, uma ferramenta, obra de arte ou alguma outra evidência física. No caso a memória e percepção dos ribeirinhos entrevistados durante a visita ao Rio Taquari.

Após a definição das fontes de evidências para o estudo de caso, partiu-se para a observação de três princípios para a coleta de dados, a fim de estabelecer a validade, e a confiabilidade de um estudo de caso. São os seguintes: utilizar várias fontes de evidências, criar um banco de dados para o estudo de caso e manter o encadeamento das evidências.

A necessidade de se criar várias fontes de evidências num estudo de caso ultrapassa em muito a necessidade que se tem em outras estratégias de pesquisas. O seu uso permitiu que o pesquisador se dedicasse a uma ampla diversidade de questões históricas, comportamentais e de atitude, levando ao desenvolvimento de linhas convergentes de investigação.

Outro princípio observado é a criação de um banco de dados para o estudo de caso, que nada mais é do que a maneira de organizar e documentar os dados coletados. A distinção entre um banco de dados e o relatório do estudo de caso ainda não se tornou uma prática institucionalizada.

A manutenção do encadeamento das evidências também foi seguida a fim de aumentar a confiabilidade das informações. Baseia-se em permitir que o observador

externo – o leitor do estudo de caso, por exemplo – ou mais especificamente na academia, o orientador, possa perceber que qualquer evidência proveniente de questões iniciais da pesquisa leve às conclusões finais, além de ser capaz de seguir as etapas em qualquer direção. Estes princípios contribuem para garantir o controle de qualidade, revelando a validade e confiabilidade deste estudo.

3.1.4 Análise dos Dados

Após a coleta e organização dos dados partiu-se para a análise das evidências. Este procedimento permitiu examinar, categorizar, classificar, recombinar evidências baseadas nos propósitos do estudo. É preciso ter clareza do que deve ser analisado, como e por quê. Qualquer que seja a estratégia analítica escolhida deve-se ter o cuidado para que ela seja de alta qualidade, para isto Yin (2001) recomenda quatro princípios:

- em primeiro lugar a análise deve estar baseada em todas as evidências relevantes. Deve demonstrar como procurou tantas evidências quanto estavam disponíveis, e as interpretações devem tratar de todas com definição;
- a análise deve abranger todas as principais interpretações concorrentes;
- deve se dedicar aos aspectos mais significativos ao estudo de caso;
- e por fim é preciso utilizar todo o conhecimento prévio sobre o seu estudo de caso.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O RIO TAQUARI NO *CORREIO DO ESTADO*

Durante a primeira análise da pesquisa foi possível observar que (Quadro 2):

- entre os meses de janeiro e dezembro de 2004, foram publicadas no jornal *Correio do Estado* 19 reportagens (média 1,5 reportagem por mês) que fizeram menção, especificamente, ao Rio Taquari;
- das 16 editorias que o jornal possuiu, em apenas sete (43,75% do total de editorias) foram publicadas reportagens sobre o tema da pesquisa;
- nos meses de janeiro e julho de 2004 não foram publicadas reportagens sobre o Rio Taquari no Jornal;
- durante os meses de maio, junho e dezembro foram produzidos o maior número de reportagens, nove (47,3% do total de reportagens) (quadro 3 e 4);
- a maior incidência de notícias sobre o assunto, no mesmo mês e editoria, ocorre em junho de 2004, quando é publicado o suplemento especial Ecológico, em comemoração ao dia Mundial do Meio Ambiente. Neste suplemento são publicadas três reportagens (15,7% do total de reportagens) sobre o Rio Taquari;
- oito reportagens (42,1% do total de reportagens) tiveram como principal fonte de informação algum pesquisador ou unidade de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa);
- dezesseis reportagens (84,2% do total de reportagens) continham o termo problema ambiental associado a outras palavras como: grave, crime, degradação e assoreamento;

- nenhuma das reportagens publicadas abordou o aspecto socioeconômico do problema ambiental do Rio Taquari e apenas duas (10,5% do total de reportagens) fizeram menção, de forma superficial, às populações ribeirinhas afetadas diretamente pelo problema, porém, sem se estender no assunto ou mencionar personagens que poderiam humanizar e ajudar na compreensão do problema.
- nenhuma das reportagens produzidas por jornalistas deixa claro se o profissional visitou “*in loco*” o Rio Taquari;
- três reportagens (15,7% do total de reportagens) não assinadas podem ser caracterizadas como reproduções de press release enviados pela assessoria de comunicação da Embrapa.

Quadro 2. Editorias do jornal *Correio do Estado* e quantidade de reportagens publicadas durante o período da pesquisa (2004) na cidade de Campo Grande – MS

Correio do Estado			
	Editorias	N° de reportagens publicadas	Meses
Assunto Rio Taquari	Geral	Sete (7)	Fevereiro Abril Maio Agosto Setembro Novembro
	Rural	Cinco (5)	Março maio Dezembro
	Ecológico	Três (3)	Junho
	Artigos	Uma (1)	Maio
	Polícia	Uma (1)	Setembro
	Turismo	Uma (1)	Fevereiro
	Variedades	Uma (1)	Outubro
	Editorial	0	X
	Economia	0	X
	Brasil	0	X
	Política	0	X
	Internacional	0	X
	Esportes	0	X
	Entrevista	0	X
	Veículos	0	X
	Informática	0	X
	Total	16	19

Quadro 3. Quantidade de reportagens publicadas no jornal *Correio do Estado* no primeiro semestre de 2004, na cidade de Campo Grande – MS

Assunto Rio Taquari: <i>Correio do Estado</i>						
Mês	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
N° Reportagens	0	2	1	2	3	3
Editorias	X	Geral	Rural	Geral	Rural	Ecológico
		Turismo			Geral	
					Artigos	

Quadro 4. Quantidade de reportagens publicadas no jornal *Correio do Estado* no segundo semestre de 2004, na cidade de Campo Grande – MS

Mês	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
N° Reportagens	0	1	2	1	1	3
Editorias	X	Geral	Geral	Variedades	Geral	Rural
			Polícia			

Cabe destacar que, em pelo menos três reportagens analisadas, podem ser encontradas citações literais de pesquisadores da Embrapa como se fizessem parte do texto jornalístico, sem associá-las ao seu autor. Vejamos o seguinte exemplo: “(...) mais recentemente, em 2000, as áreas ocupadas pela agropecuária correspondiam a 61,9% da superfície da BAT, ou seja, em apenas 26 anos, as áreas utilizadas pela agropecuária aumentaram em 1.820%”, a citação dos autores Oliveira *et al.* (1998) aparece na reportagem *Expansão da agropecuária e os processos erosivos na Bacia*, publicada no caderno Rural, em seis de dezembro de 2004.

É importante também destacar neste ponto da pesquisa que se forem excluídas as três reportagens publicadas nas editorias de Turismo, Variedades e Polícia, todas as outras reportagens (16) caracterizam o Rio Taquari como grave problema ambiental, sendo o assoreamento o mais preocupante aspecto do rio.

Depois de feito extenso levantamento bibliográfico sobre o Rio Taquari, é possível afirmar com bastante precisão, que é quase, senão, impossível, desassociar o aspecto socioeconômico do Taquari de sua degradação ambiental. Porém, em nenhuma das reportagens publicadas durante o período da pesquisa foi feita esta associação. O mais próximo que se chega dessa associação está contido em pouco mais de duas linhas publicadas em duas reportagens diferentes. Na reportagem *Rio Taquari continua morrendo asfixiado*, publicada no suplemento ecológico do dia cinco de junho de 2004, em que Vitório (2004) afirma em uma linha, apenas, que “(...) a fauna e a flora deixaram de existir há duas décadas e famílias ribeirinhas foram expulsas de suas propriedades rurais”. Nada mais é mencionado sobre o assunto nesta reportagem. A outra menção é feita também em poucas linhas na reportagem publicada no dia 14 de fevereiro, com o título *Temporal causa estragos em Coxim*. Em seu texto Pinto (2004) aponta que “a preocupação maior é com as famílias ribeirinhas, pois, caso o nível do Rio Taquari continue a subir, dezenas de casas podem ser alagadas”. Nas demais reportagens (17), o assunto é esquecido, sendo o assoreamento o aspecto mais destacado da degradação ambiental do Taquari.

Para entender melhor como o jornal *Correio do Estado* trabalha o tema Rio Taquari recorre-se ao chefe de redação do jornal, Neri Kasparý¹⁴. Ele esclarece que a degradação ambiental do Rio Taquari não recebe destaque diferenciado do jornal apesar de “ser um dos problemas ambientais mais graves e complexos do Estado”. O profissional, que admite não conhecer de perto a origem do problema e o Rio Taquari, afirma que o jornalismo pode contribuir para a solução de problemas como esse publicando mais reportagens sobre o assunto; divulgando soluções apontadas por pesquisadores; destacando a omissão do poder público; mantendo o assunto sempre em destaque, quando possível.

Os demais entrevistados concordam com o chefe de redação e apontam que o assunto deve ser mais discutido pela sociedade, sendo a mídia responsável pela condução do debate.

Para Kasparý, a cobertura do Taquari já foi mais intensa no início da década de 90. “Hoje em dia parece que está meio adormecido o assunto, anda meio esquecido até porque não há mais novidades, virou carne de vaca aquilo ali (...) a imprensa, não só o *Correio do Estado*, mas qualquer veículo vive de novidades de avanços (...)” (Neri Kasparý).

A falta de estrutura - podendo ser incluído dentro desse contexto recursos financeiros para viagens e profissionais com disponibilidade de tempo para se dedicar a um mesmo assunto - é apontada pelos quatro entrevistados como a principal barreira na cobertura do aspecto socioeconômico da degradação ambiental do Rio Taquari. “São assuntos que demandam estrutura e gente (...) precisamos de estrutura para poder fazer essas matérias humanas, sobre o drama dessas pessoas, ou as coisas boas, a gente não pode imaginar que só tem coisas ruins” (Neri Kasparý).

Para os entrevistados, falta aos jornalistas, em geral, mais conhecimento sobre o assunto. Nenhum se considera preparado suficientemente para produzir reportagens elaboradas sobre a degradação do Rio Taquari. Por esse motivo,

¹⁴ O jornalista responsável pelos demais profissionais que atuam na redação do jornal *Correio do Estado* e responsável pelo fechamento de capa do mesmo jornal.

apontam que pesquisadores acabam desempenhando o papel que deveria ser dos jornalistas através da publicação de artigos não científicos e que acabam servindo como referência para outros colegas de profissão.

A especialização é apontada pelos entrevistados como alternativa para os jornalistas que querem cobrir pautas sobre o ambiente, como a degradação ambiental do Rio Taquari, por exemplo. Mas, Kaspary que concorda com a especialização, argumenta que a realidade do mercado de jornais impressos de Mato Grosso do Sul não comporta este tipo de profissional qualificado, pois, não é economicamente viável manter uma editoria específica sobre o ambiente. O chefe de redação avalia que são publicados cadernos ou existem editorias específicas sobre informática, veículos e agropecuária nos jornais de Mato Grosso do Sul, porque existe demanda de leitores e retorno financeiro para os empresários. Para o jornalista “não adianta querer falar bonito sobre meio ambiente ou fazer um caderno para defendê-los se o mesmo não for viável economicamente”.

A análise de Kaspary ganha consonância no argumento de Tautz (2004), que afirma que o mercado, e não o jornalista é o responsável pela qualidade baixa da cobertura do ambiente. Para o autor, o mercado produz uma lógica perversa ao afastar dos quadros dos jornais impressos “jornalistas altamente qualificados no assunto meio ambiente, em nível técnico equivalente dos mais gabaritados em áreas tradicionais, como economia e política”. O autor aponta ainda que este tipo de distorção ocorre num tempo em que o “discurso é o enxugamento de quadros, onde em tese sobreviveriam apenas os mais qualificados e profundos conhecedores do assunto abordado”.

4.2 O RIO TAQUARI NO *DIÁRIO DO PANTANAL*

Durante a primeira análise da pesquisa foi possível observar que (Quadro 5):

- entre os meses de janeiro e dezembro de 2004, foram publicadas no jornal *Diário do Pantanal* 16 reportagens sobre o Rio Taquari;
- das 7 editorias que o veículo possui, em apenas uma (Cidades) o tema da pesquisa foi abordado;
- nos meses de maio, julho, agosto e novembro de 2004 não foram feitas menções ao Rio Taquari no jornal;
- durante os meses de junho e dezembro foram produzidas o maior número de reportagens, seis (quadros 6 e 7).
- seis reportagens (37,5% do total de reportagens) tiveram como principal fonte de informação pesquisas e pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e do poder público, através de instituições como Instituto de Meio Ambiente do Pantanal (IMAP);
- nove reportagens (56,2% do total de reportagens) abordaram diretamente a degradação ambiental do Rio Taquari;
- oito reportagens (50% do total de reportagens) fazem menção a qualidade das águas do Rio Taquari;
- duas reportagens (12,5% do total de reportagens) fazem menção às queimadas como agravante dos problemas ambientais do Rio Taquari;
- do total de reportagens publicadas (16), o assoreamento, a qualidade da água e as queimadas, aparecem como os principais problemas do Rio Taquari em treze reportagens (81,2% do total de reportagens);
- nenhuma das reportagens publicadas abordou ou mesmo fez menção superficial ao aspecto sócio-econômico do problema ambiental do Rio Taquari;

- nenhuma das reportagens produzidas por jornalistas deixa claro se o profissional visitou “*in loco*” o Rio Taquari;
- dez reportagens (62,5% do total de reportagens) não assinadas podem ser caracterizadas como reproduções de press release enviados pela assessoria de comunicação de órgãos como a Embrapa e IMAP;

Quadro 5. Editorias do jornal *Diário do Pantanal* e quantidade de reportagens publicadas durante o período da pesquisa (2004) na cidade de Campo Grande – MS

<i>Diário do Pantanal</i>			
	Editorias	Nº de reportagens	Meses
Assunto Rio Taquari	Cidades	16	Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Junho, Outubro, Dezembro
	Esporte		X
	Cultura		X
	Polícia		X
	Economia		X
	Brasil e mundo		X
	Política		X
	total	7	16

Quadro 6. Quantidade de reportagens publicadas no *Diário do Pantanal* no primeiro semestre de 2004, na cidade de Campo Grande – MS

Assunto Rio Taquari: <i>Diário do Pantanal</i>						
Mês	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
N° Reportagens	1	1	4	1	0	4
Editorias	Cidade	Cidade	Cidade	Cidade	X	Cidade

Quadro 7. Quantidade de reportagens publicadas no *Diário do Pantanal* no segundo semestre de 2004, na cidade de Campo Grande – MS

Mês	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
N° Reportagens	0	0	0	3	0	2
Editorias	X	X	X	Cidade	X	Cidade

Ao contrário do jornal *Correio do Estado*, que destacou o assoreamento como principal conseqüência da degradação ambiental do Rio Taquari, durante o período da pesquisa – sendo que o jornal destaca a ação antrópica como principal causa da degradação – o jornal *Diário do Pantanal* destacou, no mesmo período, a qualidade da água do rio como sendo a principal causa de sua degradação. Porém, o próprio jornal se contradiz ao fazer esta abordagem. É possível citar como exemplo duas outras reportagens, a primeira publicada no dia 5 de junho de 2004, com o título: *Qualidade da água dos rios de MS é boa, aponta estudo* e uma segunda reportagem publicada dia 27 de dezembro do mesmo ano, com o título: *Rios do estado são afetados por lixo e fertilizantes*.

Enquanto a primeira reportagem, publicada no dia Internacional do Meio Ambiente, classifica a qualidade da água dos rios do Estado como “boa, com apenas alguns problemas localizados”, a segunda reportagem, aponta que “os rios Paraguai, Taquari, Aquidauana e Miranda são os mais preocupantes (...) o elevado uso de fertilizantes nas lavouras de soja, nas terras mais altas e os dejetos, resultantes da

pecuária poluem os rios da região”. Na mesma reportagem, ainda, o Taquari é citado como maior exemplo do problema, sendo classificado como “barrento”.

Para o jornalista Hélio de Souza¹⁵, a degradação ambiental do Rio Taquari deve ser mostrada de uma forma mais completa, “sem atrelamento político (...) não apenas mostrar o problema em si e a agressão ao meio ambiente, mas apontar quem é que está agredindo, quem é que está causando tudo isso aí”. Em seu depoimento, o jornalista confirma a análise de conteúdo desta pesquisa ao manifestar preocupação em relação à qualidade da água do Rio Taquari. “Teria que conscientizar as pessoas que vivem do rio, não apenas pessoas físicas, mas as empresas que estão sediadas às margens desse rio tão importante do ecossistema do pantanal” (Hélio de Souza).

Como no jornal *Correio do Estado*, os jornalistas do *Diário do Pantanal* entrevistados durante a pesquisa também não se consideram suficientemente preparados para cobrir questões relacionadas ao ambiente. A necessidade de se ter uma visão generalista é apontada pelos profissionais que lidam com diversos assuntos diariamente. Para os jornalistas entrevistados não há como se preocupar “exclusivamente” ou “demasiadamente” com pautas ambientais. A falta de estrutura – incluída a financeira e de pessoal – é mais uma vez apontada como grande empecilho na cobertura de pautas sobre o problema ambiental do Rio Taquari.

Dentro do contexto apresentado acima, é possível concordar com Alves (2003) que relaciona a falta de preparo dos profissionais da comunicação aos erros corriqueiramente publicados na mídia. O autor afirma que:

¹⁵ Chefe de redação do *Jornal Diário do Pantanal* e único profissional entrevistado do referido jornal a ser citado nominalmente na pesquisa.

“a falta de conhecimento leva profissionais de comunicação a promover erros crassos de informação e serem manipulados por fontes, como se já não bastasse a ‘ditadura’ editorial dos veículos de comunicação, onde existem editores que, por não entender de determinados assuntos, não crêem em sua importância e, por último, criar uma série histórica que permita o acompanhamento da evolução da consciência ambiental no País”.
(2003)

O autor observa ainda que é preciso a formação de mais jornalistas interessados na produção de informações que “realmente contribuam na formação da consciência crítica de seus espectadores/leitores /ouvintes”. O autor recomenda aos profissionais da área a especialização, sendo esta obtida não, necessariamente, em decorrência de um curso universitário e sim pela dedicação a compreender e aprender temas complexos e interdisciplinares.

5 CONCLUSÕES

Classificar a cobertura dada pela mídia impressa sul-mato-grossense ao problema ambiental e socioeconômico do Rio Taquari como precisa e abrangente é uma repetição equivocada. Apesar dos jornais analisados terem sido responsáveis pela produção de 35 reportagens num período de 12 meses - média de três reportagens por mês, o tema ainda é abordado de forma fragmentada, superficial e descontextualizada. Confirma-se o que foi discutido no decorrer do trabalho: o paradoxo na relação entre a mídia e o meio ambiente, que ao mesmo tempo em que desempenha papel de elo para a constituição de uma base de entendimento comum diante das diferentes leituras sobre o meio ambiente, a comunicação acaba sendo responsável, também, pela omissão e pela difusão sem limites de mensagens ambientais.

Observa-se que a produção deste tipo de notícia não é prioridade para a imprensa sul-mato-grossense, visto que, os empresários, que atuam na área, avaliam que não há demanda comercial suficiente para sustentar um caderno específico sobre meio ambiente. Sendo possível supor que o receptor pode estar sendo submetido a uma mensagem que visa basicamente alimentar uma demanda de consumo por um determinado tipo de produto.

Salvo a iniciativa de investir em cadernos especiais, publicados em períodos não contínuos, como o Suplemento Ecológico, edição comemorativa do dia mundial do meio ambiente (5 de junho de 2004), produzido pelo jornal *Correio do Estado*, tudo que está relacionado ao assunto Rio Taquari é veiculado, na maioria das vezes, nas editorias de Geral e Cidades e, em poucas oportunidades no Caderno Rural (apenas o *Correio do Estado* possui este caderno) que circula as segundas-feiras.

Dentro deste contexto, é possível afirmar que a cobertura dos jornais pesquisados é bastante fragmentada e unilateral. Confirma esta afirmação a mesma

característica que ambos os jornais possuem, a de divulgar apenas um aspecto deste problema, considerado por pesquisadores como a maior preocupação ambiental do Estado. Nas páginas destes veículos de comunicação, o Rio Taquari parece padecer apenas do assoreamento e de queimadas, ocasionadas pela baixa umidade relativa do ar. O aspecto socioeconômico é mencionado apenas no equivalente a duas linhas de todas as reportagens publicadas, evidencia que os profissionais que atuam nestes veículos não estão preparados suficientemente para cobrir temas tão complexos e diversificados como o meio ambiente. A confirmação desta observação vem do fato de que, ao reproduzirem, literalmente, textos de pesquisas científicas, os profissionais da comunicação, especificamente os jornalistas, deixam de exercer características inerentes à profissão, tais como a investigação e a interdisciplinaridade.

É possível citar como exemplo disso, reportagem publicada no dia 28 de março de 2005, com o título *Drama do Rio Taquari prejudicou populações*. Embora não faça parte do período analisado, a reportagem foi a primeira, depois do período de um ano, a abordar o aspecto socioeconômico do problema ambiental do Rio Taquari. Ocorre que a reportagem, que tem como pano de fundo o documentário produzido para esta pesquisa, em parceria com a Embrapa Pantanal, é também reprodução de material de divulgação das assessorias de comunicação da UNIDERP e da Embrapa.

Ao se buscar o motivo desta falta de preparo é possível apontar para uma distorção verificada nas redações dos jornais pesquisados em Campo Grande: jornalistas qualificados no assunto meio ambiente estão fora das redações. Esta dinâmica impede o jornalista de cumprir o seu papel social, o de trabalhar pela difusão ampla da informação equilibrada e justa, para que esta sirva como ferramenta ao exercício da cidadania e da democracia. E isto ocorre num mercado onde, em teoria, deveriam estar atuando os profissionais mais bem preparados.

Dentro deste contexto é possível apontar para um mercado que se desfaz de profissionais capazes de produzir informação crítica e que coloca em xeque a própria lógica da produção da informação nos meios de comunicação de massa. Estes veículos estão se distanciando do papel das instituições jornalísticas, papel este que tem como base a difusão da informação jornalística e crítica sobreposta ao mero entretenimento.

O jornal impresso é uma das principais fontes de notícias para grande parcela da população e a forma como ele atua, repercute no processo de formação da opinião dessa mesma população sobre as questões ambientais. É de responsabilidade das empresas de comunicação dar importância às mensagens ambientais, bem como estimular as investigações sobre as mesmas, pois, desta forma, os indivíduos de uma sociedade terão a oportunidade de desenvolver uma consciência crítica diante das questões ambientais, tais como o problema ambiental e socioeconômico do Rio Taquari.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, A; N, GOMES, H. **Geografia e questão ambiental**. São Paulo: Marco Zero, 1988. 120 p.

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE JORNAIS (World Association of Newspapers) – Tendências da Imprensa Mundial (World Press Trends), 2000.

ARROMBADOS DO RIO TAQUARI. CUPERTINO, C. Corumbá: TV Pantanal Uniderp e Embrapa Pantanal, 2004. 1 DVD (20 min.), DV, son., color.

ALVES, A. Os Desafios do Jornalismo Ambiental. **Jornal digital**. Niterói, 2002. Disponível em <<http://www.jornaldigital.com/noticias.php/8/97/0/5557/>>. Acesso em 27 de agosto de 2004.

ALVES, A. Jornalismo Ambiental: especialização e consciência. **Jornal do meio ambiente**. Niterói, 12 mar. 2003. Disponível em <<http://www.jornaldomeioambiente.com.br/JMA-ArtComAmb.asp#1>>. Acesso em: 12 jan. 2005.

AMARAL, L. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra – D. C. Luzzatto, 1996. 98p.

BARBOUR, A. M. **Jornalismo ambiental**. 2003. 55 p. dissertação (graduação em jornalismo) – PIBIC-CEPE. Brasília.

BELTRÃO, L.; QUIRINO, N. de O. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

BERNA, V. Dez mandamentos da comunicação ambiental, **Jornal do meio ambiente**, Niterói, Disponível em: <www.jornaldomeioambiente.com.br>. Acesso em: 12 fev. 2005.

BESSERMAN, S. Indicadores. In: TRIGUEIRO, A. **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p.91-105.

BRÜGGER, P. **A natureza da mídia e a natureza na mídia. Educação ambiental: compromisso com a sociedade**. Orgs Speranza F. da Mata *et al.* Belo Horizonte: MZ Editora, 1999.

BRUM, E. O pesquisador, a Mídia e o Pantanal. In: BRUM, E.; FRIAS, R. **A mídia do pantanal**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2001. p.11-47.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. 251p.

CHAPARRO, C. Jornalismo que não elucida. **Comunique-se**, 31 jul. 2003. Disponível em: <www.comunique-se.com.br>. Acesso em: 12 jan. 2005.

CRESPO, S. Opinião Pública. In: TRIGUEIRO, A. **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p.59-74.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1988. 430 p.

Confira a entrevista com um dos 'feras' do jornalismo ambiental no Brasil, Roberto Villar Belmonte. **Ecologia em notícias**, Campo Grande, 23 nov. 2000. Disponível em: <<http://www.ecoa.org.br>>. Acesso em 21 jan. 2001.

DENCKER, A.; KUNSCH, M. M. K. (Org.). **Comunicação e meio ambiente**. São Paulo: Coleção INTERCOM, n.5, p. 163-175, 1996.

DENCKER, A.; VIÁ, S. **Pesquisa empírica em ciências humanas: com ênfase em comunicação**. São Paulo: Futura, 2001. 190p.

Drama do Rio Taquari prejudicou populações. **Correio do Estado**, Campo Grande, 28 mar. 2005. Caderno Rural, p. 08.

DUTRA, M. **A redescoberta midiática da Amazônia**: sedutoras reiteraões dos discursos sobre a natureza. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Pará/Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém, 2003.

FERNANDES, F. M.; SOUSA, C. Mídia e meio ambiente: limites e possibilidades. **Publicações**, Taubaté, 2002. Disponível em: <www.unitau.br/prppg/publica>. Acesso em: 12 fev. 2005

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GALDINO, S.; VIEIRA, L. M. A problemática socioeconômica e ambiental da bacia do rio Taquari e perspectivas. **Artigo de divulgação na mídia**, Corumbá, 18 fev. 2004. Disponível em<<http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/ADM049>>. Acesso em 01 fev. 2005.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. Trad. Carolina Msrtuscelli Bori. 7ªed. São Paulo: Ed. Nacional, 1977

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: ed. Ática, 1999. 64 p.

LANI, L. Abordagem ambiental na mídia é tema de debate na Estácio. **Campo Grande News**, Campo Grande, 20 de agosto 2003. Destaque. Disponível em: <<http://www.campogrande.news.com.br/view.htm?id=190513>>. Acesso em: 17 de out. 2003.

LINHARES, G. O meio ambiente pantaneiro no jornalismo da TVE. In: BRUM, E, FRIAS, R. **A mídia do pantanal**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2001. p.107-130.

MANUAL DE COMUNICAÇÃO E MEIO AMBIENTE. São Paulo: Peirópolis, 2004. Vários Autores.

MELO, J. M. **Comunicação, opinião, desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1971. 114 p.

MCLUHAN, M. **Os meios são as mensagens**. Rio de Janeiro: Record, 1969. 187 p.

NAGEL, E.; PUTNAM, H.; LEVI, I.; HEMPEL, C. G. **Filosofia da ciência**. São Paulo: Cultrix, 1967.

OSTMAN, R, PARKER, J. **A public's environmental information sources and evaluations of mass media**. In: Journal of environmental education, vol. 10, nº2, 1986.

OLIVEIRA, H.; OLIVEIRA, F. D. A.; SANO, E. E.; ADÁMOLI, J. Caracterização do meio físico da bacia hidrográfica do alto Taquari utilizando o sistema de informações geográficas SGI\INPE. Dourados: EMBRAPA-CPAO, 1998. 28 p.

OTÁVIO, L. Carlos Lindenberg faz defesa do jornalismo impresso. **Comunique-se**, 17 set. 2003. Disponível em: <www.comunique-se.com.br>. Acesso em: 12 jan. 2005.

PADOVANI, C. R.; PEREIRA, J. G.; PONTARA, R. C. P. Mudanças recentes de leito no baixo curso do rio Taquari, no pantanal Mato-grossense. **Boletim paranaense de geociências**, n. 49, p. 33-38, 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/geoci.php?id=18>>. Acesso em 12 jan. 2005.

PINTO, D. Temporal provoca estragos em Coxim. **Correio do Estado**, Campo Grande, 14 fev. 2004, Editoria de Geral, p.12.

PROJETO SOS TAQUARI. **Sistema de suporte à decisão para monitoramento de impactos ambientais**. Disponível em: <<http://www.cnps.embrapa.br>>. Acesso em 12 jan. 2004.

RAMOS, L. F. A. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo: Annablume, 1995.

RESENDE, E. Os Pulsos de inundação e o Rio Taquari. **Artigo de divulgação na mídia**, Corumbá, 06 out. 2003. Disponível em <<http://www.cpap.embrapa.br/publica.php?topicobusca=ADM&titulo=Artigo+de+Divulga%E7%E3o+na+M%E3o+de+Comunica%E7%E3o>>. Acesso em 01 fev. 2005.

SABINO, J.; PAES DE ANDRADE, L. Aquário Natural de Bonito, mito da sustentabilidade ecológica. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2 de out. 2003. Ciência e Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ciencia/colunas>>. Acesso em: 17 out 2003.

SANTOS, M. **1992: A redescoberta da natureza**. (Aula inaugural da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 10 de março de 1992) Reimpressão. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1998.

SCHARF, R. O jornalismo impresso. In: Vários autores. **Manual de comunicação e meio ambiente**. São Paulo: Peirópolis, 2004. Capítulo 2. p.69-76.

SILVA, M. Prefácio. In: TRIGUEIRO, A. **Meio ambiente no Século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p.9-11.

SULLIVAN, T. **Conceitos – chave em estudos de comunicação e cultura**. Tradução de Margaret Griesse e Amós Nascimento. Piracicaba: Unimep, 2001.287p.

TAUTZ, C. Excelente jornalista. E desempregado. **Comunique-se**, 06 abr. 2005. Disponível em www.comunique-se.com.br. Acesso em: 9 abr. 2005.

TAUTZ, C. Jornalismo sócio-ambiental e investigativo. **Comunique-se**, 10 mar. 2005. Disponível em <www.comunique-se.com.br> Acesso em: 9 abr. 2005.

TRIGUEIRO, A. Meio ambiente na idade mídia. In. **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1990.

YIN, R. **Estudos de caso: planejamento e método**. 2ªed. Tradução de Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2001, 205p.

VILLAR, R. *Jornalismo Ambiental – Evolução e Perspectivas*. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.agirazul.com.br/jorental.htm>> Acesso em: 12 set. 2004.

VITÓRIO, I. Rio Taquari continua “morrendo asfixiado”. **Correio do Estado**, Campo Grande, 6 jun. 2004. Suplemento Ecológico, capa.

ZANATTA, J. Jornal revela realidade escondida no coração do Pantanal. In: BRUM, E, FRIAS, R. **A mídia do pantanal**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2001. p.49-68.

ZIGGIATTI, M. M. *Jornalismo Ambiental*. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.eca.usp/emalta/densust/jamb.htm>> Acesso em: 10 set. 2004.

ANEXOS